Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 7

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRITICA

Com as mais notaveis variantes

TOMO III

Vol. 7.º — Os Lusiadas

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1874

No poema dos *Lusiadas* não ha essa incerteza de texto como nas poesias lyricas de Camões; a epopêa foi duas vezes publicada em vida do poeta sobre autographo seu e sob a sua vista; as lyricas foram recopiladas de manuscriptos despedaçados desde 1595 até ao presente, e por isso é livre a qualquer editor seguir a recensão que julgar mais racional. Com os *Lusiadas* tornase obrigatorio o seguir sempre a edição de

1572 que se reputa segunda, na qual o o poeta fez alguns retoques. É este um texto definido, e seria uma profanação o altera-lo. Sabe-se da existencia de tres Manuscriptos dos *Lusiadas,* que precederam o que serviu para a impressão:

1.º O Manuscripto dos primeiros *seis cantos,* d'onde Faria e Sousa recolheu cincoenta estrophes omittidas.

2.º O Manuscripto do *primeiro canto* copiado no *Cancioneiro* de Luiz Franco, que tem intimas relações com o antecedente, porque tambem traz essas tres estancias omittidas apoz a LXXVII; mas pelas variantes que existem entre ambos, accusa uma segunda elaboração mais correcta.

3.º O Manuscripto completo, que perteneu a Manoel Corrêa Montenegro, d'on-

de Faria e Sousa extrahiu mais vinte seis estrophes omittidas.

Sabe-se que a Censura mutilou os *Lusiadas,* e que o poeta se submetteu a esses córtes, para que o poema visse a publicidade; isto obriga a recolher essas estancias omittidas e a ligar interesse ás mais leves variantes.

Supprimimos os argumentos que precedem cada canto, porque não se acham nas edições do seculo XVI, apesar de apparecer parodiado um nas *Festas Bacchanaes,* de 1589. A numeração das estancias não foi empregada por Camões, e por isso a eliminamos do texto, aonde produz uma certa fadiga, reduzindo-a a uma simples rubrica no alto de cada pagina para facilitar o uso das citações.

OS LUSIADAS

CANTO I

As Armas e os Barões assinalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana;
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o Peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Dae-me agora um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

Dae-me uma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende e a côr ao gesto muda:
Dae-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

E vós, oh bem nascida segurança
Da lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade:
Vós, oh novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa edade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande
Para do mundo a Deos dar parte grande:

Vós, tenro e novo ramo florecente
De uma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:)

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, (que esperamos) jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental e do Gentio,
Que inda bebe o licôr do santo rio:

Inclinae por um pouco a magestade,
Que n'esse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira edade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo.
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da Patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno:
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi! vereis o nome engrandecido
D'aquelles, de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Ouvi! que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas extranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço;
Um Egas, e um Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos Doze-Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Enéas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos, rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer extranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e prospera victoria:
Outro Joanne, invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

E emquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime rei, que não me atrevo a tanto,
Tomae as rédeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pêso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos e feitos singulares,
De Africa as terras e do Oriente os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado:
Só com vos vêr o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado.
Tethys todo o cerúleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

Em vós se vêm da olympica morada
Dos dous Avôs as almas, cá famosas
Uma na paz angelica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam vêr-se renovada
Sua memoria e obras valerosas;
E lá vos têm logar, no fim da edade,
No templo da suprema eternidade.

Mas emquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Daes vós favor ao novo atrevimento;
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumae-vos já a ser invocado.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das Náos as velas concavas inchando:
De branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

Quando, os Deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em Concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o crystallino céo formoso,
Vem pela Via-Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam dos Sete-Céos o regimento,
Que do Poder mais alto lhe foi dado;
Alto Poder, que só co'o pensamento
Governa o céo, a terra e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'um momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro têm, e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano:
Do rosto respirava um ár divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com uma corôa e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deoses todos assentados,
Como a rasão e a ordem concertavam;
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando, Jupiter alto assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

« Eternos moradores do luzente
Estellifero pólo e claro assento!
Se do grande valor da forte Gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
Com poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano, tão temido,
Sempre alcançou favor do céo sereno:
Assi que sempre, em fim com fama e gloria,
Teve os trophéos pendentes da victoria.

Deixo, Deoses! atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na Cerva espirito divino.

Agora, vêdes bem, que, commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia
A vêr os berços onde nasce o dia.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A Gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e céos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino agasalhados
N'esta costa africana como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa róta.»

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando, os Deoses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Rasões diversas dando e recebendo.
O Padre Baccho ali não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a lusitana Gente.

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Uma Gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha;
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse extranha:
Altamente lhe dóe perder a gloria
De que Nysa celebra inda a memoria.

Vê que já teve o Indo subjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna ou Caso
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

*

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á Gente lusitana
Por quantas qualidades via n'ella
Da antigua tão amada sua romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

Estas causas moviam Cytheréa;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebradá a clara dea
Onde a Gente belligera se estende.
Assim que, um pela infamia que arrecêa,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual Austro fero ou Boreas na espessura
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
Entre os Deoses no Olympo consagrado.

Mas Marte, que da Deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a Gente forte o merecia:
De entre os Deoses em pé se levantava,
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado:

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro:
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O céo tremeu, e Apollo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

E disse assi: «Oh Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece que criaste;
Se esta Gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Rasões de quem parece que é suspeito.

Que, se aqui a rasão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque emfim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o céo deseja.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India e onde a Gente se reforme.»

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso;
E nectar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um dos Deoses se partiu,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa ethérea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a Gente bellicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a Costa ethiopica e a famosa
Ilha de Sam Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deoses, que Typheo
Co'o temor grande em peixes converteu.

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o céo tinha por amigo:
Sereno o ár e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando, o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em tôrno cérca e lava.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê rasão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeu como cuidava.

Eis apparecem logo em companhia
Uns pequenos bateis, que vêm d'aquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A Gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa d'ella:
Que gente será esta? em si diziam,
Que costumes, que lei, que rei teriam?

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas:
As velas, com que vêm, eram de esteira
De umas folhas de palma bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deu, de ousado e não prudente;
O Pado o sabe, e Lampethusa o sente.

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias côres, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros de modo airoso sobraçados;
Da cinta para cima vêm despidos:
Por armas têm adargas e terçados,
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafís sonorosos vão tocando.

Co'os pannos e co'os braços acenavam
Ás Gentes lusitanas, que esperassem;
Mas já as prôas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A Gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

Não eram ancorados, quando a gente
Extranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licôr, que Lyeu prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

Comendo alegremente perguntavam,
Pela arabica lingua, d'onde vinham?
Quem eram? de que terra? que buscavam?
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
«Os Portuguezes sômos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto,
Toda a Costa africana rodeado,
Diversos céos e terras temos visto:
De um Rei potente sômos, tão amado,
Tão querido de todos e bemquisto.
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu buscando andamos
A terra oriental, que o Indo rega:
Por elle, o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já rasão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois? que terra é esta, que habitaes?
Ou se tendes da India alguns signaes?»

«Somos, (um dos das ilhas lhe tornou,)
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios, são aquelles que criou
A natura sem lei e sem rasão.
Nós temos a Lei certa, que ensinou
O claro descende de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe hebrea teve, e o pae gentio.

Esta ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habital-a;
E porque tudo emfim vos notifique.
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

E já que de tão longe navegaes,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejaes
Guiados pelas ondas sabiamente;
Tambem será bem feito que tenhaes
Da terra algum refrêsco, e que o regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.»

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão e Gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
N'isto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmã, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

A noite se passou na lassa Frota
Com extranha alegria e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada seita crêram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas:
As estrellas os céos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras, peregrinas;
Porém da Armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No céo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou:
Começa a embandeirar-se toda a Armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das ilhas, que partia.

Partia, alegremente navegando,
A vêr as Náos ligeiras lusitanas,
Com refrêsco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando.
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O Imperio tomaram a Constantino.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este effeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licôr, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

Está a Gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo e a forte Armada:
E perguntando tudo, lhe dizia,
Se porventura vinham de Turquia?

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os Livros de sua Lei, preceito ou Fé,
Para vêr se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

Responde o valeroso Capitão
Por um, que a lingua escura bem sabia:
«Dar-te-hei, Senhor illustre, relação
De mi, da Lei, das armas que trazia,
Não sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

A Lei tenho d'Aquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil:
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceu deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil;
E que do Céo á terra emfim desceu,
Por subir os mortaes da terra ao céo.

D'este Deos-homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres vêr, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras vêr como inimigo.»

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras;
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

As bombas vêm de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dêm fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto póde, e com rasão;
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

Porém d'isto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu, com olho attento,
Um odio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho e ledo fingimento
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe que largo premio levarão
Do trabalho que n'isso fôr tomado.
Promette-lh'os o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão damnado,
Que a morte, se podesse, n'este dia,
Em logar de pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o Filho de David nos ensinou.
Oh segredos d'aquella Eternidade,
A quem algum juizo não alcançou!
Que nunca falte um perfido inimigo
Áquelles de quem fôste tanto amigo!

Partiu-se n'isto emfim co'a companhia
Das náos o falso Mouro, despedido
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno: e recebido
Na terra, do obsequente ajuntamento
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

Do claro assento ethereo, o gram Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o Ajuntamento lusitano
Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruido;
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava:

«Está do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicosas;
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Heide soffrer, que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

Já quizeram os Deoses, que tivesse
O filho de Philippo n'esta parte
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte.
Mas ha-se de soffrer que o Fado désse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu c'o gram Macedonio, e c'o Romano,
Dêmos logar ao Nome lusitano?

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da maura gente:
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.»

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra africana descendeu,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu:
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
De um Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e c'o Xeque mui valido.

E, entrando assi a falar-lhe a tempo e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, — como eram gentes roubadoras,
Estas, que ora de novo são chegadas.
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veiu, que roubadas
Fôram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

«E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho d'estes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar têm destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

E tambem sei, que têm determinado
De vir por agua á terra muito cêdo
O Capitão, dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves ir tambem co'os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Caírão facilmente na cilada.

E, se ainda não ficarem d'este geito
Destruidos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.»

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo n'esse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á náo lhe mande,
Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa um feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares com elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cair d'onde nunca se levante.

Já o raio apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando, o Gama co'os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se facilmente;
Que o coração preságo nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vae, como podia,
Em tres bateis sómente que trazia.

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Um de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada:
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que é primeiro.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada;
Mas o animal atroce, n'esse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ár retumba e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

Não se contenta a Gente portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue e mata;
A povoação sem muro e sem defeza,
Esbombardêa, accende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou compral-a mais barata:
Já blasphema da guerra e maldizia
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o páo e o canto arremessando,
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cérca, em pouco espaço.

Uns vão nas almadías carregadas,
Um corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangayos subtis da bruta gente:
D'esta arte o Portuguez emfim castiga
A vil malicia, pérfida, inimiga.

Tornam victoriosos para a Armada
Co'o despojo da guerra e rica prêsa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a maura gente magoada,
No odio antigo mais que nunca accesa:
E, vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor d'aquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes que tratava.

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o Piloto, que lhe vinha,
(Foi d'elle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento
As velas manda dar ao largo vento.

D'esta arte despedida a forte Armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia:
O Capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
D'elle mui largamente se informava
Da India toda, e costas, que passava.

Mas o Mouro, instruido nos enganos
Que o malévolo Baccho lhe ensinara,
De morte ou cativeiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando rasão dos portos indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara;
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte Gente se temia.

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está uma Ilha, cujo asserto
Povo antigo christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda e pede;
Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique, esta ilha que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

Para lá se inclinava a leda Frota;
Mas a Deosa em Cythera celebrada,
Vendo como deixava a certa róta,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a Gente d'ella tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
D'onde o Piloto falso a leva e guia.

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar ávante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz,—que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

Tambem n'estas palavras lhe mentia,
Como por regimento emfim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava;
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava;
Mas, não querendo a Deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia:
Uma cidade n'ella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria:
Regida por um rei de antigua idade,
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Extranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptisado,
Como o falso Piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a Gente que era;
Que Baccho muito de antes o avisára,
Na fórma d'outre Mouro, que tomára.

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

CANTO II

Já n'este tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo:
E da casa maritima, secreta,
Lhe estava o Deos nocturno a porta abrindo:
Quando as infidas gentes se chegaram
As Náos, que pouco havia que ancoraram.

D'entre elles um, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
«Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via!
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Vêr-te, e do necessario reformar-te.

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receioso,
Entres a barra, tu, com toda a Armada;
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diz, que na terra podes reformal-a,
Que a natureza obriga a desejal-a.

E se buscando vás mercadoria
Que produz o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante;
D'aqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.»

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz que, porque o sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a Frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal Senhor está obrigado.

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia?
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria:
D'esta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos d'esta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto vêr desejam.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida e nefanda,
Das Náos se despedia e o mar cortava;
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da Frota em terra recebidos.

E, despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua e foi nascido
De duas mães; que ordia a falsidade,
Por vêr o Navegante destruido:
Estava n'uma casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se christão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura:
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix, Virgem pura;
A companhia sancta está pintada
Dos Doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que caíram
De fogo, varias linguas referiram.

Aqui os dous companheiros, conduzidos
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
N'aquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do sol foram no mundo, e n'um momento
Appareceu no rubido horisonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

4

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo:
Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'uma mostra tão clara e tão perfeita.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subiam;
Que levemente um ânimo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A Náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a prêsa desejada certa têm.

Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
N'elles ousadamente se subissem;
E com esta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem:
E que incautos pagassem, d'este geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da prôa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a Gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Vôa do céo ao mar como uma setta.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerúlea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das aguas o poder lhe obedecia;
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a Armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Já na agua erguendo vão, com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crêspa, em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

*

Nos hombros de um Tritão, com gesto acceso,
Vae a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa:
Já chegam perto d'onde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa,
Repartem-se e rodeam n'esse instante
As Náos ligeiras, que iam por diante.

Põem-se a Deosa com outras em direito
Da prôa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte Náo forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado:
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as Nymphas estorvando
Á Gente portugueza o fim nefando.

Torna para detraz a Náo forçada,
Apezar dos que leva, que gritando
Marêam velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando.
O Mestre astuto em vão da pôpa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a Náo lhe mette medo.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha.
Não sabem a rasão de furia tanta,
Não sabem n'esta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hãode ser por isso aqui punidos.

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua e a nado se acolhiam:
De um bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assi como em selvatica alagôa
As rãs, no tempo antiguo lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
D'aqui e d'ali saltando o charco sôa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

Assi fogem os Mouros; e o Piloto,
Que ao perigo grande as Náos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amára;
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto d'ella amaina.

Tendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a Náo passar ávante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

«Oh caso grande, estranho e não cuidado!
Oh milagre clarissimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

Bem nos mostra a divina Providencia
D'estes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança;
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
Oh tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

E se te move tanto a piedade
D'esta misera Gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.»

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as Nymphas se vae, que saudosas
Ficaram d'esta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas,
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto céo,
Para onde estava o Padre se moveu.

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas e o céo e o ár visinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os pólos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lhe apresenta assi, como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe saíam,
Onde o menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

C'hum delgado sendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre,
O véo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro,
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada:
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa e se ri n'um mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada;
D'esta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla:

«Sempre eu cuidei, oh Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pezasse;
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que t'o merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei emfim que fui mofina.

Este Povo que é meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo!
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita emfim pelejo.
Ora, pois porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui...» E n'isto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como c'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguil-a; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

E d'estas brandas mostras commovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do céo subido
Torna sereno e claro o ár escuro;
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que d'ali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta:
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga o choro lhe acrescenta,
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos Fados as entranhas revolvendo,
D'esta maneira em fim lhe está dizendo:

«Formosa filha minha, não temaes
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem commigo possa mais,
Que estes chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha que vejaes
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta Gente
Hade fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdes o mar bravo;
Os vossos, móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Fortalezas, cidades e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos, bellacissimos e duros,
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados:
E por elles, de tudo emfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vae buscando,
Tremer d'elle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas escrespando,
Oh caso nunca visto e milagroso!
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os Elementos!

Vereis a terra, que agua lhe tolhia,
Que inda hade ser um porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via,
As Náos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar Roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado;
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado:
Que quem vae contra os vossos claro veja,
Que, se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cêrcos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do Peito lusitano fero e horrendo.
Do Mouro ali verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao céo blasphema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da Gente vencedora:
Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um Peito soberbo e insolente,
Que cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.

Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceu romano injusto:
Que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo, e do Bactra scythico e robusto,
A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica:

Como vereis o mar fervendo acceso
C'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando;
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte Peito,
Do gangetico mar ao Gaditano:
Nem das boreaes ondas ao Estreito,
Que mostra o aggravado Lusitano;
Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.»

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Um pacifico porto e socegado,
Para onde sem receio a Frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

Já pelo ár o Cyllenêo voava,
Com as azas nos pés á terra desce;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero costumado;
E d'esta arte a Melinde foi chegado.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
D'esta arte vae fazendo a Gente amiga,
Co'o rumor famosissimo e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De vêr da Gente forte o gesto e modo.

D'alli para Mombaça logo parte.
Aonde as Náos estavam temerosas,
Para que á Gente mande, que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia e siso,
Se lá dos céos não vem celeste aviso.

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no céo, co'a luz alheia,
Tinham o largo mundo alluniado;
E só co'o somno a Gente se recreia:
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava:

Quando, Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: «Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim o extremo dano;
Fuge, que o vento e o céo te favorece;
Sereno o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, n'outra parte
Onde pódes seguro agasalhar-te.

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava;
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas e feras.

Vae-te ao longo da Costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto d'onde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali tua Fróta alegre recebendo
Um Rei, com muitas obras de amisade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sábia guia.»

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda e vê ferida a escura treva
De uma subita luz e raio santo.
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao Mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava:

«Dae velas, disse, dae ao largo vento,
Que o céo nos favorece e Deos o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.»
Alevanta-se, n'isto, o movimento
Dos marinheiros de uma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força que se estima.

N'este tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos;
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhes fugiram.

Mas já as agudas prôas apartando
Iam as vias humidas de argento,
Assopra-lhe galerno o vento, e brando
Com suave e sereno movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, d'onde em tanto apêrto
A vida em salvo escapa por acêrto.

Tinha uma volta dado o sol ardente
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram;
Porque haviam de ser da maura Gente,
Para elles arribando as vellas viram:
Um, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

Não é o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano:
Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia, e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeu como cuidava;
Que nenhum d'elles ha, que lhe ensinasse
A que parte dos céos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão Piloto certo.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito;
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lh'o dissera d'este geito
O Cyllenêo em sonhos; e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebêa:
Quando um e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthêa:
A memoria do dia renovava
O pressuroso sol, que o céo rodêa,
Em que Aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

Quando, chegava a Fróta áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, vôa o estandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Sôam os atambores e pandeiros:
E assi entravam ledos e guerreiros.

Enche-se toda a praia melindana
De gente, que vem vêr a leda Armada;
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a Fróta lusitana,
Péga no fundo a ancora pesada:
Mandam fóra um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto préza,
Quanto a Gente fortissima o merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas, que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O Mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado;
Escarlata purpúrea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como é fóra d'ellas se endurece.

Manda mais um na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não saír n'aquelle instante
De suas Náos em terra o desculpasse.
Partido assi o Embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes falando orava:

«Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado, que temido;
Como porto mui forte, e mui seguro
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Não sômos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De um Rei, que temos, alto e sublimado.

Que geração tão dura ha hi de gente?
Que barbaro costume, e usança feia,
Que não vedem os portos tam somente,
Mas inda hospicio da deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, oh Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano, e raro.

E não cuides, oh Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a Fróta, em nenhum porto ou praia.

E porque é de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça.
Não quererás, pois tens de rei officio,
Que ninguem a seu rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.»

Assi dizia; e todos juntamente
Uns com outros em pratica falando,
Louvavam muito o estomago da Gente
Que tantos céos e mares vae passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que é tão longe obedecido.

E com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
«Toda a suspeita má tirae do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

De não saír em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia;
Mas, se lhe o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De Peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

Porém, como a luz crástina chegada
Ao mundo fôr, em minhas almadías
Eu irei visitar a forte Armada,
Que vêr tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.»

Isto disse: e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o Mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a Fróta, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céo, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros, com vozes, com que o céo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido:
Anda em giros no ár a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao céo, da Gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra: e assi festeja
Um ao outro, á maneira de peleja.

Mas já o céo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãe de Memnon, a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho;
Quando o Rei melindano se embarcava
A vêr a Fróta, que no mar estava.

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a vêr só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em logar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem corôa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça uma fóta guarnecida
De ouro e de seda, e de algodão tecida.

Cabaia de damasco rico e dino,
Da tyria côr, entre elles estimada;
Um collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada:
C'um resplendor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

Com um redondo amparo alto de seda,
N'uma alta e dourada hástea enxerido,
Um ministro a solar quentura veda,
Que não offenda e queime o Rei subido.
Musica traz na prôa, estranha e leda,
De aspero som, horrisono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da Fróta se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo hispano:
Mas franceza era a roupa que vestia,
De setím da adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza:

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o sol reduzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao italico modo a aurea espada,
Pluma na gorra um pouco declinada.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o múrice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resoando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tampam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
C'umas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse;
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lh'o pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A Gente lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

E, como por toda Africa se sôa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando n'ella ganharam a corôa
Do reino, onde as Hesperidas viveram.
E com muitas palavras apregôa
O menos, que os de Luso mereceram,
E o mais que pela fama o Rei sabía;
Mas d'esta sorte o Gama respondia:

«Oh tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da Gente lusitana,
Que com tanta miseria e adversidade
Dos mares experimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o céo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eólo
Refugio achamos bom, fido e jucundo.
Em quanto apacentar o largo polo
As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.»

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a Fróta, que o Móuro vêr deseja;
Vão as Náos uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e vêja.
Mas, para o céo Vulcano fuzilando,
A Fróta co'as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os os anafis os Mouros respondiam.

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava:
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por falar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia e fama.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
C'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus visinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

«Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, (lhe dizia) diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde moraes, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principe do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo,
Que sem sabel-as, sei que são de preço:

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta; que agora vem co'os aureos freios,
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol, para julgares
Que os Melindanos têm tão rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro:
Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,
De subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.»

CANTO III

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
N'este peito mortal que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, oh linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como sóe.

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a Gente lusitana;
Que veja e saiba o mundo, que do Tejo
O licôr de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

*

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
«Mandas-me, oh Rei, que conte, declarando
De minha Gente a grão genealogia:
Não me mandas contar extranha historia:
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

Além d'isso, o que a tudo emfim me obriga,
É não poder mentir no que disser;
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me hade ficar inda por dizer;
Mas, porque n'isto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

Entre a zona, que o Cancro senhoreia,
Meta septentrional do sol luzente,
E aquella, que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas o rio
Que dos montes Rhipheios vae correndo,
Na alagôa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Viu dos gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperbóreos apparecem,
E aquelles onde sempre sópra Eólo,
E co'o nome dos sôpros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está, contino, pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham então a egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

Agora n'estas partes se nomeia
A Lappia fria, a inculta Noruega,
Escandinavia ilha, que se arreía
Das victorias, que Italia não lhe nega.
Aqui, emquanto as aguas não refreia
O congelado inverno, se navega
Um braço do sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hircyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Allemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida:
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, oh terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o céo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

Em torno o cerca o reino neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte;
Mas depois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veiu e bellica arte:
Pobre está já da antigua potestade;
Tanto Deos se contenta de humildade!

Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana e Rhodano regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene, se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali da Europa toda,
Em cujo senhorio e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

Com Tingitania entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthénope inquieta:
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa:
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor d'ella,
Betis, Leão, Granada com Castella.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o Reino lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o céo justo, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o céo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali commigo:
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E n'ella então os incolas primeiros.

D'esta o Pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve:
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do céo, ligeiro e leve,
Veiu a fazer no mundo tanta parte
Criando-a reino illustre; e foi d'esta arte:

Um Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra:
Voando d'este Rei a fama estranha
Do herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

E c'um amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno e dons iguaes.

D'estes Henrique, dizem que, segundo
Filho de um rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado.
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei castelhano, que casado
Com Thereza sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

Este, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve:
Em premio d'estes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso Reino lusitano.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosólyma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que viu de Deos a carne em si lavada:
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea subjugada,
Muitos, que n'estas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro extremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deu a quem lh'o tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pae deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pae tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, (não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta, que a mãe tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pae lh'as dera.

Mas o principe Affonso, (que d'esta arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come:
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via:
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas n'ella o sensual era maior.

Oh Progne crua! oh magica Medêa!
Se em vossos proprios filhos vos vingaes
Da maldade dos paes, da culpa alheia,
Olhae, que inda Thereza pecca mais.
Incontinencia má, cobiça feia,
São as causas d'este erro principaes:
Scylla, por uma mata, o velho pae,
Esta, por ambas, contra o filho vae.

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãe lavava;
Já lhe obedece a terra n'um momento,
Que primeiro contra elle pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava;
Mas de Deos foi vingada em tempo breve;
Tanta veneração aos paes se deve!

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Theresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defeza,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado;
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei castelhano já aguardava,
Que o Principe, a seu mando submettido,
Lhe désse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade, que a vingança:
—Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

Vês, aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
N'ellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de morte, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.—

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal, diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido;
Mas, o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

Oh grão fidelidade portugueza,
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez n'aquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

Mas já o Principe Affonso apparelhava
O lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força e gente tão pequeno.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o céo regia;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para um só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Commetter um tamanho ajuntamento,
Que para um cavalleiro houvesse cento.

Cinco Reis mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a famosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Affonso o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
—Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!—

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o céo tocavam,
Dizendo em alta voz:—Real! Real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.—

Qual, co'os gritos e vozes incitando
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam n'isto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas sôam,
Instrumentos de guerra tudo atrôam.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Bóreas) animada
Co'o vento, o secco mato vae queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se ateia,
Recolhe o fato, e foge para a aldeia:

D'esta arte o Mouro attonito e torvado
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns caem meio mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

Ali se vêm encontros temerosos
Para se desfazer uma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra;
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica:
Desbaratado e roto o Maoro hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no brando escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal d'estes cinco Reis vencidos.

E n'estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
D'aquelle de quem foi favorecido:
Em cada um dos cinco, cinco pinta;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintando veiu.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vae Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força portugueza,
Ajudada tambem da forte Armada,
Que das boreaes partes foi mandada.

Lá do germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a bocca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cêrco aos muros ulysseos.

Cinco vezes a lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cêrco que lhe estava pôsto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

D'esta arte, em fim, tomada se rendeu
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceu
Dos frios povos scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á força dura
Da Gente, cuja fama tanto vôa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde sôa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavam, e Torres-Vedras.

E vós tambem, oh terras transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes:
E tu, lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres:
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacere do Sal estão rendidas.

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

Já na cidade Beja vae tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida;
Não se lhe póde muito sustentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vae da dura espada.

Com estas subjugada foi Palmella
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata um exercito potente:
Sentiu-o a villa, e viu-o o senhor d'ella,
Que a soccorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

O Rei de Badajoz era alto mouro,
Com quatro·mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
C'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

D'esta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei mouro, e só da vida cura.
D'um pânico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura;
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavallo.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vae Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que o homem não conhece;
Se até aqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa;

Que, estando na cidade que cercara,
Cercado n'ella foi dos Leonezes,
Porque a conquista d'ella lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.

Oh famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem vêr que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra incline,
O Bootes gelado e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente;

Postoque a rica Arabia e que os feroces,
Heniochos e Colchos, cuja fama
O véo dourado éstende, e os Capadoces
E Judea, que um Deos adora e ama;
E qúe os molles Sophenes e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte;

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o scytico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem: não te espante
Se o campo Emathio só te viu vencido;
Porque Affonso verás soberbo e ovante,
Tudo render e ser depois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente
Do divino Juizo castigado,
Depois que em Santarem soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido;

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente, e co'o belligero aparelho;
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vae regando,
Co'o sangue mauro, barbaro e nefando.

E com esta victoria cubiçoso,
Já não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem vêr o fim d'aquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o céo:
Já vêm do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveu,
Ao som da mauritana e rouca tuba
Todo o reino que foi do nobre Juba.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vae cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardís de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço e accôrdo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem, do mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

E co'a famosa gente á guerra usada,
Vae soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

Logo todo o restante se partiu
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugiu,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittiu,
Dão louvores e graça sem medida:
Que em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando, quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos d'este geito
A triste Libitina seu direito.

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas,
Os semeados campos alagaram
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Affonso, Affonso, os eccos; mas em vão.

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pae na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratára
Do ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram.
Os golpes de seu braço em si provaram.

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo-poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da germanica Armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida,

Passam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveu
O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceu;
Quando Guido, co'a gente em sêde accesa,
Ao grande Saladino se rendeu
No logar, onde aos mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

Mas a formosa Armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vae do sancto Marte:
Assi como a seu pae acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

E se tantos trophéos do Mahometa
Alevantando vae, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte;
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Viu ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso, e rei terceiro.
No tempo d'este aos Mouros foi tomado
Alcácere do Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãe Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle rei Sardanapalo.

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos;
Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece, nem consente,
Que não fôr mais que todos excellente.

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o Bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilatal-o cuida; que em terreno
Não cabe, o altivo peito, tão pequeno.

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina.
Com este o Reino próspero florece
(Alcançada já a paz aurea, divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helícona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo e do sempre verde louro.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros;
Mas depois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

*

Este sempre as soberbas castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças lusitanas
Temer podêr maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veiu os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

E vendo o Rei sublime castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
Já perdido uma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pae ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

— Quantos povos a terra produziu
Da Africa toda, gente fera e estranha,
O grão rei de Marrocos conduziu,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Podêr tamanho junto não se viu,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da maura espada;
E se não fôr comtigo soccorrido,
Vêr-me-has d'elle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

Por tanto, oh Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluccha se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pae o verdadeiro amor assella,
Acude e corre, pae; que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.—

Não de outra sorte a timida Maria
Falando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pae favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, caido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os eborenses campos vão coalhados:
Lustra co'o sol o arnez, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vae ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E sómente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha d'ella.

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do podêr dos Christãos fraco e pequeno;
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta e nua;
Á nobre terra alheia chamam sua.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do rei Saúl com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

D'est'arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos; e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano e com destreza
De Marrocos o rei commette e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis que ali seguiam,)
Uns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o céo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meio mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vae ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

Já se ía o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetys, e inclinado
Para o ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo viu tão grão victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario
Dos que morreram n'este vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano podêr de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

E se tu tantas almas só podeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, oh nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois por Jesu certificado.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que despois de ser morta foi rainha.

Tu, só tu, puro Amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam:
E quanto emfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras e princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E despois, nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

—Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aérias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram;

Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

E se, vencendo a maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro;
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo, e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei;
Ali co'o amor intrinseco e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.—

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magôam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
Que d'esta sorte o quiz, lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam,
Contra uma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostraes, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ár serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que Amor matou de amores
Aquelle que despois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flôres,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem puderas, oh sol, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, oh concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flôres,
Que lagrimas são a agua e o nome amores.

Não correu muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

Este, castigador foi rigoroso
De latricinios, mortes e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deu,
Que o vagabundo Alcides ou Theseo.

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino pôz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'um falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se viu rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece,
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittiu;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquinio o viu:
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o tribu illustre destruiu
De Benjamin? Bem claro nol'o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado:
Tu tambem, Pœno próspero, o sentiste,
Despois que uma moça vil na Apulia viste.

Mas quem póde livrar-se por ventura
Dos laços, que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de uma peregrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso?

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

CANTO IV

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Despois que o rei Fernando falleceu.

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
N'aquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

*

Ser isto ordenação dos céos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo falando, o nomeou;
E, como cousa emfim, que o céo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

Alteradas então do reino as gentes
Co'o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

Mas elle emfim, com causa deshonrado,
Diante d'ella a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre;
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

Pódem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma viu,
Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugiu.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira d'ella.

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pae succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões e varias terras.

Vem de toda a provincia, que de um Brigo,
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda a Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vae suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Oh sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
A'quelles cujos golpes já provastes.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos extranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão hebrëo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha.
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas só por vêr das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em que o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade,
Negam o Rei e a Patria; e se convem,
Negarão (como Pedro) o Deos que têm.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

—Como? da gente illustre portugueza
Hade haver quem refuse o patrio Marte?
Como? d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Hade saír quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira vêr sujeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, a fóra a presa que tiveram?

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes paes e avós?
Pois se com seus descuidos ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se é certo que co'o rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbarateis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes;
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada;
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.—

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou n'ellas for perdida:

D'esta arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á bocca aberta:
—Viva o famoso Rei, que nos liberta.—

Das gentes populares, uns approvam
A guerra com que a patria se sostinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras e tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armígeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem, famoso cavalleiro,
Que a Ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os e regel-os,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

E da outra Ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das Quinas e castellos o pendão,
Com Joanne, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mães, irmãs, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores;
Alférezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no secco tempo, que nas eiras
Céres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o sol, no mez de Agosto:
Baccho das uvas tira o doce mosto.

Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouviu-o o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Quantos rostos ali se vêm sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo:
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira Ala;
Uns, leva a defensão da propria terra,
Outros, as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinal-a:
Derriba e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

Já pelo espesso ár os estridentes
Farpões, settas e varios tiros vôam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles sôam;
Espedaçam-se as lanças, e a frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atrôam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis ali seus irmãos contra elle vão,
(Caso feio e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Patria se alevanta;
D'estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

Oh tu, Sertorio, oh nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: ali perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentiu Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, emquanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lh'os furtára:

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atrôa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira Ala:
—Oh fortes companheiros, oh subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Vêdes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro;
Pelejae verdadeiros Portuguezes.—
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e d'este unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

Porque eis os seus accesos novamente
D'uma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não dóe perder as vidas.

A muitos mandam vêr o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre ali de Sanct'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o céo e os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao profundo,
Onde o trifauce cão perpétua fome
Tem das almas, que passam d'este mundo:
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flôres da propria côr mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

O campo vae deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas despois, e romarias,
As graças deu a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa transtaganas.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a bética bandeira,
E de varios senhores, n'um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força portugueza.

D'estas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que o quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas princezas.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi não tendo a quem vencer na terra,
Vae commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda a Hespanha
Da juliana, má e desleal manha.

Não consentiu a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os córos soberanos
Do céo supremo quiz que povoasse;
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

*

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vae alterando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda n'este reino e n'este rei
Não usou ella tanto d'esta lei?

Viu ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita;
Mais o publico bem, que o seu, respeita.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade vêr perdida;
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida!
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes, fizeram tanto.

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
(Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humíllima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir vêr a terra Iberia;
Mas Africa dirá, ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que sómente o Tyrinthio colher pôde:
Do jugo que lhe pôz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

Porém ellas por fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás portuguezas Forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros n'esta empreza,
Mais afinando a fama portugueza.

Porém despois, tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vae commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes d'ella,
Desde Cadix ao alto Pyreneu,
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pae ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saíu-se emfim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pae sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento.

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'esta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando d'aquelles que Cesár mataram,
Nos philippicos campos se vingaram.

Porém, despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no céo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthénope enterrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam,
Das enchentes nilóticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egyto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.

Passam tambem as ondas Erythrêas,
Que o povo de Israel sem náo passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

Entram no Estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Ali co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
D'ali vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

Viram gentes incognitas e extranhas
Da India, da Carmania e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram emfim e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

Parece, que guardava o claro céo
A Manoel e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveu
A subidos e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeu
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo:

O qual, como do nobre pensamento
D'aquella obrigação, que lhe ficára
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado; no tempo, que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que saem,
A repouso convidam quando caem;

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente extranha e fera:
E lá bem junto d'onde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendêra,
Viu de antiguos, longinquos e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

Aves agrestes, feras e alimarias,
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores sylvestres e hervas varias
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
De mais conversação, por si mostravam
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

Das aguas se lhe antolha que saíam
Par' elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe caíam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Um d'elles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha.
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vae buscar os abraços de Arethusa.

Este, que era o mais grave na pessoa,
D'est'arte para o Rei de longe brada:
— Oh tu, a cujos reinos e corôa
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro é o Indo, Rei, que n'esta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos comtudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio. —

Não disse mais o rio illustre e santo,
Mas ambos desparecem n'um momento:
Acorda Manoel c'um novo espanto,
E grante alteração de pensamento.
Estendeu n'isto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento:
Veiu a manhã no céo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flôres.

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a Gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos áres.

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se puzesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas d'este geito
Presago o coração me promettia:
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
D'este commettimento grande e grave.

E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos reis que a mais obriga,
Me disse:—As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve:
Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.—
Não soffri mais, mas logo: «Oh Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginae tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava;
O leão Cleonaeo, Harpias duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava;
Descer emfim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque o maior perigo, a mór affronta,
Por vós, oh Rei, o esprito e carne é promta.»

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o Véo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo,
(Onde o licor mistura e branca arêa
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As Náos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

Pelas praias vestidos os soldados
De varias côres vêm e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes Náos os ventos socegados
Ondeam os aérios estandartes;
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

Despois de apparelhados d'esta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos comêços aspirasse.

Partimos-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, oh Rei, que se contemplo
Como fui d'estas praias apartado,
Cheio dentro de duvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

A gente da cidade, aquelle dia,
Uns por amigos, outros por parentes,
(Outros por ver sómente), concorria,
Saudosos na vista e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os vateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mães, esposas, irmãs, que o temoroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a vêr tão cedo.

Qual vae dizendo:—Oh filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
D'esta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro;
Porque me deixas, misera e mesquinha?
Porque de mi te vás, oh filho caro,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?—

Qual em cabello:—Oh doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is a aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?—

N'estas e outras palavras que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade;
A branca arêa as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

Nós outros, sem a vista alevantarmos,
Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do proposito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magôa.

Mas um velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

— Oh gloria de mandar! Oh vã cobiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades n'elles exprimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consummidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

Mas oh tu, geração d'aquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te poz n'este desterro e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia,
Edade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

*

Já que n'esta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Puzeste nome, esforço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprêzo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá;

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tens cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovôe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas pôz em sêcco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria.

Trouxe o filho de Jápeto do céo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeu,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ár vazio
O grande architector co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio,
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração,
Misera sorte! Estranha condição! —

CANTO V

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céo ferimos,
Dizendo: — Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Nemaeo truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consumme,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
N'ella vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a Armada se estendia.

Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Cintra, e n'ella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeu,
Não vimos mais emfim que mar e céo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas Ilhas vendo, e os novos áres,
Que o generoso Henrique descobriu:
De Mauritania os montes e logares,
Terra que Antheo n'um tempo possuiu,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama;
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

Passámos o limite aonde chega
O sol, que para o norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia:
Aqui gentes extranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fartunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hespéridas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas Armadas;
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

Áquella Ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct'Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano; e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe;

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'um só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças ençrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De viboras encheste a ardente arêa.

Sempre emfim para o Austro a aguda prôa,
No grandissimo gólfam nos mettemos,
Deixando a Serra asperrima Leôa,
Co'o Cabo, a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome de um, que o lado a Deos tocou.

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar emfim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta d'ella:
Vimos a parte menos rutilante,
E, por falta de estrellas menos bella,
Do pólo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'um ao outro pólo:
Por calmas, por tormentas e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eólo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas temerosas,
Relampados, que o ár em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que têm juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certa de alto espanto,
Vêr as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ár um vaporsinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao pólo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco acrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava.
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria, (que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta;

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe.
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escritura,
Que segredos são estes da natura.

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por vêr segredos d'ellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas:
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

Mas já a planeta, que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a Armada;
Quando da etherea gávea um marinheiro,
Prompto co'a vista:—Terra! Terra!—brada.
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergâmos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas, já chegados, amainâmos;
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio:

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De vêr cousas extranhas desejosa
Da terra, que outro povo não pizou;
Porém eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vêjo um extranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada d'isto o bruto se movia.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por sinaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente;
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vêm buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir vêr da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

É Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vae seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra, vinha.

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Um Ethíope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'ali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão crescida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita
Que a côr vermelha levam d'esta feita.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a Armada,
Vendo a malicia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe d'ella:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

Disse então a Velloso um companheiro,
(Começando-se todos a sorrir):
«Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer, que de subir?»
—«Si é, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.»—

Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matal-o:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque saíndo nós para tomal-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porém já cinco sóes eram passados
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os áres escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
«Oh Protestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?»

*

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ár, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e palida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

E disse: «Oh Gente ousada, mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados términos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'extranho ou proprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pela terra
Que inda hasde subjugar com dura guerra:

Sabe, que quantas Náos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas:
E na primeira Armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mor o dano, que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança;
E não se acabará só n'isto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas Náos vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos;
Commigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quíloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
N'este terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ár verão despidos,
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura:
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçadas as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.»

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: — Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado. —
A bocca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

«Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamaes vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio;
Aqui toda a africana Costa acabo
N'este meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encélado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra;
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do céo,
Só por amar das aguas a princeza:
Um dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Saír núa na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossivel alcançal-a
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Dóris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'um formoso riso honesto
Respondeu: —«Qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'um gigante?

Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que com minha honra escude o dano.»
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude n'este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite, de Dóris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
D'este corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

Oh que não sei de nôjo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero mato e de espessura brava:
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

Oh nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me n'este engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
D'aqui me parto irado e quasi insano
Da magoa e da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

Eram já n'este tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o céo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Emfim, minha grandissima estatura
N'este remoto Cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando d'estas agoas.»

Assi contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar sôou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo d'esta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

A gente que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiópes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado
Que apascentavam, gordo e bem criado.

As mulheres queimadas vêm em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas;
Animaes, que elles têm em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorís, ou prosa ou rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
A troco d'outras peças que levaram;
Mas como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscâmos,
As velas dando, as ancoras levamos.

Já aqui tinhamos dado um grão rodeio
Á Costa negra de Africa, e tornava
A prôa a demandar o ardente meio
Do céo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilhéo deixámos, onde veio
Outra Armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e descoberto,
N'aquelle ilhéo fez seu limite certo.

D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar um tempo andámos em porfias,
Que, como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
N'este dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'um largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

D'esta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas comtudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sair nunca d'este povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal
Da desejada Parte oriental.

Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por céos não naturaes, de qualidade
Inimiga da nossa humanidade:

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E alem d'isso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei e a seu regente?

Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

Deixando o porto emfim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos d'esta Costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a Armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a Costa faz ali d'aquella banda,
D'onde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na Costa brada e geme,
A prôa inclina d'uma e d'outra Náo:
Quando, indo o coração que espera e teme,
E que tanto fiou d'um fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

E foi, que estando já da Costa perto,
Onde as praias e valles bem se viam,
N'um rio, que ali sae ao mar aberto,
Batéis á vela entravam e saiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavam:
Palavra alguma arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam;
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

Pela arabica lingua, que mal falam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por Náos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá d'onde sae o sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos sinaes, que n'este rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Sinaes:
Um padrão n'esta terra alevantámos;
Que para assinalar logares taes
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as Náos, que dos caminhos
Longos do mar vêm sordidas e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foi, da esperança grande e immensa,
Que n'esta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no céo sereno se dispensa:
Com esta condição pezada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

E foi, que de doença crua e feia,
A mais, que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra extranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o vêr o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia:

Apodrecia com fétido e bruto
Cheiro, que o ár visinho inficionava:
Não tinhamos ali medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer n'este officio pouco intructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

Emfim que n'esta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Extranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi que d'este porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza;
Na dura Moçambique emfim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saude a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto.
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

Agora, julga, Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a vêr do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda heide ver, a oitava parte?
*

Esse que bebeu tanto da agua Aónia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Chios, Argo, e Salamina;
Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altísona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co'o som se ensoberbece;

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
D'esses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polyphemos,
Sirenas, que co'o canto os adormeçam:
Dêm-lhe mais navegar á vela e remos,
Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêm-lhe perder nas aguas o piloto:

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
N'estas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandíloqua escriptura.»

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da Gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'ânimo e nobreza.

Vae recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum d'elles da Gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou;
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descançar nos thetyos braços;
E el-Rei se vae do mar aos nobres paços.

Quão doce é o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o experta e incita.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os trophéos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o céo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
Com dons, mercês, favores e honra tanta
A lyra mantuana, faz que sôe
Eneas, e a romana gloria vôe.

Dá a terra lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

Vae Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'uma mão a penna e n'outra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe e alcança,
É nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

Emfim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tão sómente.
Sem vergonha o não digo; que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
É não se vêr prezado o verso e rima:
Porque quem não sabe a arte não a estima.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros;
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem;

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tágides gentis, e seu respeito;
Porém não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CANTO VI

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes Navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes;
Peza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das europêas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
D'onde Hercules ao mar abriu caminho.

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida, que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas Frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o espirito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime Gente.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vae buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vae mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, d'ellas dina,
Arde, morre, blasphema e desatina.

Via estar todo o céo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no póde estorvar, que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce emfim desesperado,
Novo remedio em terra busca e toma:
Entra no humido reino, e vae-se á côrte
D'aquelle a quem o mar caíu em sorte.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá d'onde as ondas sáem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas ali de prata fina;
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se é crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

As portas de ouro fino marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho cahos a tão confusa face;
Vêm-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
D'aqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou logar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias n'ella produzidas.
A clara fórma ali estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co'os gigantes:
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
D'elle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista d'estas cousas; mas, entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De vêr que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

«Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos.»

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'uma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloría
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae e seu correio.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha pósta
Uma mui grande casca de lagosta.

O corpo nú e os membros genitaes,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animaes
Do mar, todos cobertos cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras e briguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros da Dardania,
Destruidos despois da grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas, que gerara;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protêo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Ali veiu tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Caelo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystalino deixa ver-se;
Que tanto bem não é para esconder-se.

Amphitrite, formosa como as flôres,
N'este caso não quiz que fallecesse:
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o sol vencesse:
Ambas vêm pela mão, igual partido;
Pois ambas são esposas d'um marido.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veiu a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela areia
No collo o toma a bella Panopêa.

E o deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e d'este dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual;
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla d'esta sorte:

«Principe, que de juro senhoreias
D'um pólo ao outro pólo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes,
Que dentro vivam só de seus limites:

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já commetter o céo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do céo em poucos annos
Venham deoses a ser, e nós humanos.

Vêdes agora a fraca geração,
Que d'um vassallo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vêdes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vêdes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Áquilo, e os outros todos resistiram;
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assim sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperaes? porque a pondes em tardança?

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do céo desci,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas d'esta gente;

*

Que o grão Senhor, e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, oh deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por vêr o preço, que no céo perdí,
Se por dita acharei nos vossos mares.»
Mais quer dizer; e não passou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'um ponto,
Não soffreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, — que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

Bem quizera primeiro ali Protêo
Dizer n'este negocio o que sentia;
E, segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda prophecia;
Porém tanto o tumulto se moveu
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou.»

Já lá o soberbo Hyppótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o céo sereno se obumbrava;
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

Em quanto este concelho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa Frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa róta.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota:
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

Vencidos vêm do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos áres, que assopravam:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem;

«Com que melhor podemos, um dizia,
Este tempo passar, que é tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?»
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
«Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?»

—Não é, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra férvida e robusta,
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida hade ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir m'o está dizendo.—

Consentem n'isto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
— Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi da nossa terra;
E estes sejam os Doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho poder, que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da côrte ingleza
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o céo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

Era este inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n'esta terra exprimentara
Namorados affeitos, quando n'ella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: «Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos e de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que ali terreis soccorro e forte esteio.»

D'esta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o soffre a régia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade;
E só fica por bem aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos e concertos de mil côres.

Já do seu Rei tomado têm licença
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro, ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
D'est'arte falla á forte companhia:

«Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras extranhas,
Por vêr mais aguas que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis, e varias manhas;
Agora, que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixaes, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

E quando caso fôr, que eu impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não fôr comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que é devido;
Mas se a verdade o espr'ito me advinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.»

Assi diz; e abraçados os amigos,
E tomada licença, emfim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares, que ganhara o patrio Marte;
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas emfim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa extranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e animados.

Chega-se o praso e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes;
Já as damas têm por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n'esta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

Já n'um sublime e publico theatro
Sè assenta o Rei inglez, com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço e d'animo mais forte,
Outros doze saír, como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigam os cavallos, escumando,
Os aureos freos com feroz sembrante:
Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante;
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla; e logo se ía
Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo, nos perigos.

A Dama, como ouviu que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra, e veste ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo vôa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

Algum d'ali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vae sem dono.
E n'outra parte o dono sem cavallo;
Cae a soberba ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo e malha,

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É d'esses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo com fabulas sonhadas;
Basta por fim do caso que entendemos,
Que com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar á doce e cara terra.

Mas dizem, que comtudo o grão Magriço,
Desejoso de vêr as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes;
E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Um Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino.

Outro tambem dos doze em Allemanha,
Se lança, e teve um fero desafio
C'um Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio. —
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede, que não faça tal desvio
Do caso de Magrico, e vencimento,
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

Mas n'este passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
— Alerta, disse, estae, que o vento crece
D'aquella nuvem negra, que apparece. —

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
— Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela. —
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

O céo fere com gritos n'isto a gente,
Com subito temor e desaccôrdo;
Que, no romper da vela, a Náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
—Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar; não falte accôrdo;
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba! que nos imos alagando.—

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á Náo, n'um bordo os derribaram;
Tres marinheiros duros e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante Náo, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

A Náo grande em que vae Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veiu.
Não menos gritos vãos ao ár derrama
Toda a Náo de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a vêr parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Áquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e feia se allumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.

As Halcyóneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados, entretanto,
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sórdido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, d'onde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o céo fossem viradas;
Nem as fundas areias, que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim do seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte,
Que o impossibil póde, d'esta sorte:
*

— Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os céos, o mar e terra senhorêas!
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados,
Outras syrtes e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque sômos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

Oh ditosos aquelles que poderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, em quanto fortes sustiveram
A sancta Fé nas terras mauritanas!
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras d'ella! —

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando;
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cair o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do sol claro no horisonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar com leda fronte:
A deosa, que nos céos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar e a cara Armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira:

«Estas obras de Baccho são por certo,
Disse; mas não será, que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.»
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos louros á porfia;
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

Assi foi; porque tanto que chegaram
Á vista d'ellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:

«Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante;
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi, d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor comtigo em medo se converte.»

Assi mesmo a formosa Galatêa
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha que em vel-a se recreia,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de vêr que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

D'esta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores;
Ella lhe prometteu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando sôa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito vôa;
Disse alegre o Piloto melindano:
—Terra é de Calecut, se não me engano.

Esta é por certo a terra que buscaes
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui fenece.—
Soffrer aqui não póde o Gama mais,
De ledo em vêr que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao céo,
A mercê grande a Deos agradeceu.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar apparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meio d'estes horridos perigos,
D'estes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos:

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude;

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado d'um arduo soffrimento;

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'esta arte o peito um callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

D'esta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como do alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

CANTO VII

Já se viam chegados junto á terra
Que desejada já de tantos fôra,
Que entre as correntes índicas se encerra
E o Ganges, que no céo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

A vós, oh geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos céos está em essencia:

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezaes;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilataes:
Assi do céo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejaes,
Muito façaes na sancta christandade:
Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade!

Vêdel-os Allemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vêdel-o em feias guerras occupado,
(Que inda co'o cego error se não contenta!)
Não contra o superbisimo Othomano,
Mas por saír do jugo soberano.

Vêdel-o duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que a torpa Ismaelita senhoreia,
(Quem viu honra tão longe da verdade!)
Entre as boreaes neves se recreia,
Nova maneira faz de christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

Guarda-lhe por emtanto um falso rei
A cidade Hierosólyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosólyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendel-o, nem guardal-o,
Mas para ser contra elle e derribal-o!

Achas que tens direito em senhorios
De christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Pois que direi d'aquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Comtigo, Italia, falo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

Oh miseros Christãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vêdes a divina Sepultura
Possuida de cães, que sempre unídos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

Vêdes que têm por uso e por decreto,
Do qual são inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cinazias repugnantes:
Olhae se estaes seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vêdes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa, esconde em si luzentes veias:
Mova-vos já sequer riqueza tanta,
Pois mover-nos não póde a Casa santa.

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes e da Scythia fria
A turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: (duro tributo!)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriae de peito forte e astuto;
E não queiraes louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

Mas emtanto, que cegos e sedentos
Andaes de vosso sangue, oh gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
N'esta pequena Casa lusitana:
De Africa tem maritimos assentos;
É na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera lá chegara.

E vejâmos, emtanto, que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume e novo rei.

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores:
Para lá logo as prôas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

Além do Indo jaz, e áquem do Gange,
Um terreno mui grande e assás famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de reis diversos o constrange
A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vae tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes sáem, d'onde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

Entre um e outro rio, em grande espaço,
Sae da larga terra uma longa ponta
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão ínsula confronta:
E junto d'onde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os visinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores;

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra e gentes são mais abundantes:
Decanijs, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

O reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, rei potente)
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende uma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim se intitula o senhor d'ella.

Chegada a Frota ao rico senhorio,
Um Portuguez mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto extranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vel-o todo o povo.

Entre a gente, que a vêl-o concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

Em vendo o Mensageiro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua hispana,
Lhe disse: «Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua Patria lusitana?
— Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veiu gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente. —

Espantado ficou da grão viagem
O mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava;
Mas vendo emfim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:

*

E que emtanto que a nova lhe chegasse
De sua extranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E despois que se um pouco recreasse,
Com elle para a Armada tornaria;
Que a alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra extranha.

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fôra já a amisade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
Para a Frota, que o mouro bem conhece;
Sobem á Capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

O Capitão o abraça, em cabo, ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella:
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas d'ella.
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o mouro.

Elle começa: «Oh gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estaes na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos reis é, mas d'um só fôra
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido e inteiro.

Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes;
Succedeu, que pregando convertessem
O Perimal, de sabios e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de n'ella morrer santo.

Náos arma, e n'ella mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir n'ellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande:
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande:
E d'aqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, d'onde vem
Este, que agora o imperio manda e tem.

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e sómente um panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

Porque os que usaram sempre um mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires é certo grande vicio
D'estes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com cerimonias mil se alimpa e apura.

D'esta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais extranhezas ainda das que digo
N'esta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada,

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo e de grande preeminencia:
Observam os preceitos tão famosos
D'um, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes têm grandissima abstinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra é grossa em trato em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.»

Assi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda d'esta gente extranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O Capitão da Armada que chegara.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado.
Das côres a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra, nos braços o levava,
E n'um portatil leito uma rica cama
Lhe offerece em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens é levado.

D'est'arte o Malabar, d'est'arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vae confuso
De ver a gente extranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama e o Catual íam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr'elles vae interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde uma rica fabrica se erguia
De um sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo e em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Veem-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a vêr Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammom em Libya estava;
Outro, n'um corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos
A Briareo parece que imitava;
Outro, fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:
Engrossando-se vae da gente o fio,
Co'os que vêm vêr o extranho Capitão:
Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis d'aquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias d'aquella antigua edade,
Que quem d'ellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estava um grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Tão proprio, que se ali estiver Semele,
Dirá, por certo, que é seu filho aquelle.

Mais avante bebendo sécca o rio
Mui grande multidão de Assyria gente,
Sujeita a femenino senhorio
De uma tão bella, como incontinente:
Ali têm junto ao lado nunca frio;
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

D'aqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e subjugavam
Até as aguas gangeticas undosas:
D'um capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

«Os Portuguezes vendo estas memorias,
(Dizia o Catual ao Capitão:)
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Estas, que agora olhaes, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios Magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Céo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas e na paz, da gente extranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.»

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'uma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor:
No recostado gesto se assinala
Um venerando e prospero senhor;
Um panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

Bem junto d'elle um velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente, nunca de antes d'elle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla d'este modo:

—Um grande Rei de lá das partes, onde
O céo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde,
O ecco, como em ti da India toda
O principado está e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda
Até bem d'onde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amisade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e súa)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

E, sendo assi que o nó d'esta amisade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda a adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e náos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto pósta
Me dês a mi certissima resposta.—

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia:
Que em vêr Embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia;
Mas n'este caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O Rei, e a gente e terra, que dissera.

E que emtanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já n'isto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente extranha d'onde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos extranhos quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua patria mui visinha.

Que particularmente ali lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
N'isso serviço ao Rei, porque soubesse
O que n'este negocio se faria.
Monçaide torna: «Postoque eu quizesse
Dizer-te d'isto mais, não saberia;
Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

Têm a lei d'um Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãe; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem no mundo o regimento.
O que entre meus antiguos é vulgado.
D'elles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis e famosos:
E não contentes inda, na africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

Não menos tem mostrado esforço e manha
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Assi que nunca emfim com lança extranha
Se têm, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

E se esta informação não fôr inteira,
Tanto quanto convem, d'elles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende:
Vae vêr-lhe a Fróta, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de vêres a policia
Portugueza na paz e na milicia.»

Já com desejos o Idolátra ardia
De vêr isto, que o Mouro lhe contava;
Manda esquipar bateis, que ir vêr queria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á Capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
N'ellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento n'ella os olhos apascenta.

*

Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita epicurêa, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrara á gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita, que seguia, lh'o defende.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o mauritano:
Os olhos põe no bellico transumto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto,
Emquanto houver no mundo trato humano;
No trajo a grega usança está perfeita,
Um ramo por insignia na direita.

Um ramo na mão tinha... Mas oh cego!
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que, se não me ajudaes, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhae, que ha tanto tempo que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condemna,
N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna:

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'um fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei judaico accrescentar-se.

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

Pois logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dae-m'o vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

Nem creiaes, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum e do seu rei
Antepozer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave, veiu,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir e roubar o pobre povo.

Nem quem acha, que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do rei severamente,
E não acha, que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Rasões apprende e cuida que é prudente,
Para taixar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu rei a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descançado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

CANTO VIII

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
«Quem era? e por que causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada?»
Paulo responde, cuja voz discreta
O mauritano sabio lhe interpreta:

—Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês é Luso, d'onde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que ali quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa edade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro, ou filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

Ulysses é, o que faz a sancta casa
Á deusa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.—
«Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.»

Assi o Gentio diz; responde o Gama:
— Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado:
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram.

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
As vezes leis maguanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa,
Degradado, comnosco se alevanta:
Escolheu bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

Vês? comnosco tambem vence as bandeiras
D'essas aves de Jupiter validas;
Que já n'aquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha tão subtis artes e maneiras
Para adquirir os povos, tão fingidas;
A fatidica cerva, que o avisa:
Elle é Sertorio, e ella a sua divisa.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos reis primeiros:
Nós hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

«Quem é, me dize, est'outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas corôas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes!»

—Este é o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este é aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

Se Cesar, se Alexandre rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não crêas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

Este, que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

Vêl-o cá vae co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nú de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fez com siso e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano:
Os filhos e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

Não fez o Consul tanto, que cercado
Foi nas forcas caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do samnítico jugo triumphante:
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturaes,
E a consorte sem culpa, que dóe mais.

Vês este, que saindo da cilada
Dá sobre o rei, que cérca a villa forte?
Já o rei tem preso, e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vel-o, cá vae pintado n'esta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo, que accendeu junto da serra
De Abyla, nas galés da maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos céos, com justa palma.

Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, saír da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto;
Germanos são os martyres de Christo.

Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueu das Quinas a bandeira:

Vêl-o cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pae co'os ossos cerra:
Digno d'estas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias:
Ella por armas toma a similhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

Não vês um Castelhano, que aggravado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co'os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo;
Mas vê, que um Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

Martim Lopes se chamma o cavalleiro,
Que d'estes levar póde a palma e o louro;
Mas olha um ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vêl-o entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o signal no céo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

Vês? vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês? já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a corôa de palma ali coroa.

Olha um Mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e ja n'ella
Não acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista:
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos,
N'ellas deixando publicos tropheos.

Vêl-os? co'o nome vêm de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomêa,
Que póde não temer a lei lethea.

Attenta n'um, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a patria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta:
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

Olha, por seu conselho e ousadia
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só póde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês, por industria, esforço e valentia
Outro estrago e victoria clara e bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso e Guadiana habita?

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vêl-o com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomeia,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arreia.
Ditosa patria, que tal filho teve!
Mas antes pae; que em quanto o sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

Na mesma guerra vê que prezas ganha
Est'outro Capitão de pouca gente!
Commendadores vence, e o ganho apanha
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
D'estes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos castelhano;
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

Olha, que dezasete Lusitanos
N'este outeiro subidos se defendem
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem;
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo e no moderno!

Sabe-se antiguamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejāram,
No tempo que os virís atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E d'elles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que depois mil vezes amostramos.

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle, faz que fama illustre fique
D'elle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cêrcos contra toda a Berberia?
Vês? outro Conde está, que representa
Em terra Marte em forças e ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

Aquelles paes illustres que já deram
Principio á geração, que d'elles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende.
Cegos! que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor d'elles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre d'onde venham;
Culpa de reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham:
Estes os seus não querem vêr pintados,
Crendo que côres vãs lhe não convenham;
E como a seu contrario natural,
Á pintura, que falla, querem mal.

Não nego, que ha comtudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhes fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
N'elles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas d'estes acha poucos a pintura.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artifice ali pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que ali via.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horisonte, e luminosa
Levava aos antípodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da Náo forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda d'esta gente extranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova Gente lhe seria
Jugo perpetua, eterno captiveiro,
Destruição de gente e de valia.
Vae-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

A isto mais se ajunta, que a um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede.
Em fórma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

E diz-lhe assi: «Guardae-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.»
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho; mas comsigo
Cuida que não é mais que sonho usado:
Torna a dormir quieto e socegado.

Torna Baccho, dizendo: «Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptisados?
Eu por ti, rudo, velo: e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

Emquanto é fraca a força d'esta Gente
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o sol sahe, facilmente
Se póde n'elle pôr a aguda vista:
Porém, despois que sóbe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.»

Isto dito, elle, e o somno se despede,
Tremendo fica o attonito Agareno;
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando n'elle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

Diversos pareceres e contrarios
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam;
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da Gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

Com peitas, ouro e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem rei, sem leis humanas ou divinas.

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados,
De consciencia e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê pôsto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta:
E quando um bom em tudo é justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos promta.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernaes,
Ó Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um signal certo
Do mundo, que deixava descoberto;

N'isto trabalha só, que bem sabia,
Que, despois que levasse esta certeza,
Armas e Náos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza;
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

Este temor lhe esfria o baixo peito;
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo immortal lhe accende e atiça;
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça,
O contracto fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que n'aquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava;
A quem, chegado, disse: «Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças e dons altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amisade:
Que sinal nem penhor não é bastante,
As palavras d'um vago navegante.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra é patria para o forte;
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-m'o sem temor de infamia ou morte;
Que, por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.»

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O mahometico odio, d'onde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava:
C'uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

—Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteu na prisca idade,
Não causaram, que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão, co'a falsidade
(Oh poderoso Rei) da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suór vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
D'esta minha verdade, sem respeito
Das rasões em contrario, que acharias
Se não crêsses a quem não crêr devias:

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

Se com grandes presentes d'alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais, que a achar o extranho clima
Onde a natura poz teu reino antigo;
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece, que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que crêa d'elle tanta fortaleza.

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanço, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria e engenho ráro,
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram:
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram visto de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno extranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.

Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que, oh Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na rasão que está provada,
Que com claro juizo pode vêr-se;
Que facil é a verdade d'entender-se. —

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe d'elle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na auctoridade grão valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o mauro engano.
Emfim, ao Gama manda, que direito
Ás Náos se vá, e seguro d'algum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

Que mande da fazenda emfim lhe manda,
Que nos reinos gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
D'onde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

Embarcação que o leve ás Náos lhe pede;
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços;
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto poder dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que d'elle até ali não entendera.

Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maometana gente,
O principal, por quem se governavam
As cidades do Samorim potente:
D'elle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concêrto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pôr nas Náos, e não lhe val;
E que assi lh'o mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Por que rasão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Não póde ser por outrem derogado.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano diabolico e estupendo:
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo,
Ou como as Náos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Maometanos;
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa, o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama emfim, que lh'o defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

Aos brados e rasões do Capitão,
Responde a Idolátra, que mandasse
Chegar á terra as Náos, que longe estão,
Porque melhor d'ali fosse e tornasse.
Sinal é de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a Fróta se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.

N'estas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as Náos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lh'as assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo emfim cuidava.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vae ferir n'outra parte luminoso;
E, sendo da ociosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e ali, dessocegado:

Tal o vago juiso fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á Fróta, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maometanos.

Tal hade ser, quem quer co'o dom de Marte,
Imitar os illustres, e igualal-os:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evital-os:
Com militar engenho e subtil arte,
Entender os imigos e enganal-os;
Crêr tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: Não cuidei.

Insiste o Malabar em tel-o preso,
Se não manda chegar á terra a Armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A Fróta de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que, quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

Concertam-se, que o negro mande dar
Embarcações idoneas em que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lh'os tome o imigo, ou lh'os detenha.
Partem as almadías a buscar
Mercadoria hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, d'onde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás Náos chegado,
N'ellas estar se deixa descansado.

Nas Náos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a trôco do metal luzente e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

Este, rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos:
Este, aos mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este, corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este, deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando e as consciencias.

Este, interpreta mais que subtilmente
Os textos: este, faz e desfaz leis:
Este, causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os reis.
Até os que só a Deos omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr, comtudo, de virtude.

CANTO IX

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha e falsidade,
Fazem, que não lh'a comprem mercadores:
Que todo seu proposito e vontade,
Era deter ali os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsínoe foi do egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteu;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa agua Maometana.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
D'aqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas náos os Mouros esperavam;
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes.
N'este soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

Mas o Governador dos céos e gentes,
Que para quanto tem determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influiu piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o paraiso.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as Náos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento d'este dano:
Diz-lhe, que vêm de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser d'ellas opprimido,
Segundo estava mal aparcebido.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Maometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás Náos; e porque a fama
D'esta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

Porém não tardou muito, que voando
Um rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'uns, que ás Náos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

Eram estes, antiguos mercadores
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta d'elles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas Náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra:

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a Armada se levava:
As mulheres e filhos, que se matam,
D'aquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Uns tem os paes, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pesar dos imigos Maometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio, que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria cara,
Certos signaes levando do que achara.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A secca flor de Banda não ficou,
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceylão é rica, illustre e bella.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas Náos, levando a prôa
Para onde a natureza tinha pósta
A meta austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos:

O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios céos e gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido e manso:

Algum repouso emfim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos Navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe rasão, que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao céo sereno.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da mãe primeïra co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

Ali quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com danças e choreas, porque n'ellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pariu, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido:
Seu filho vae buscar, porque só n'elle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como n'aquella empreza antiga
A ajudou já, n'est'outra a ajude e siga.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristéra, as boninas apanhando.
Em derrador da deosa já partida,
No ár lascivos beijos se vão dando:
Ella por onde passa, o ár e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

Já sobre os Idalíos montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias n'elle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bella forma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
D'esses cães, que agora ama, e consummido.

E vê no mundo todo os principaes,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê n'elles, que não têm amor a mais
Que a si sómente e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê, que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade:
Da feia tyrannia e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

Vê emfim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja:
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não fôr agora obediente.

Muitos d'estes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Uns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas, onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consumme.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ár soavam
Dos que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

Formosas são algumas e outras feas,
Segundo a qualidade fôr das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
Por palavras subtís de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

D'esses tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando;
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli e Cinyrêa:
Um mancebo de Assyria, um de Judea.

E vós, oh poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vêdes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas vulcaneas redes.
Uns esperando andaes nocturnas horas,
Outros subtis telhados e paredes:
Mas eu creio, que d'este amor indino,
É mais culpa a da mãe, que a do menino.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céo se atreve,
A recebel-a vem ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á Deosa dos Amores.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: «Amado filho, em cuja mão
Toda a minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

Bem vês as lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Poderam mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo no Ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vêm de descobrir o novo mundo;
Todas n'uma ilha juntas e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada:

Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em crystallinos paços singulares
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Emfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cubiçarem.

Quero, que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.»

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo, a Cypria, e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A phaetontea morte chorou tanto.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Uma famosa e celebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa gigantêa temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
O que vê, com mil bocas apregôa.

Vão-a buscar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deosa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre Gente,
Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por máo zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede n'isto o fero moço as settas
Uma após outra; geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros;
Cáem as Nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros,
Cahe qualquer, sem vêr o vulto que ama,
Que tanto como a vista póde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea lũa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta algũa,
Nem nos equoreos campos Nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

Dae lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vêdes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da agua neptunina;
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
É forçado, que a pudicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em chorêas gentis, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava.
Ali a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as Náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada;
Rompendo pelo céo a mãe formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

De longe a Ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lh'a levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte Armada se enxergava:
Que, porque não passassem sem que n'ella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as Náos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

Mas firme a fez e immobil, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa Ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao céo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira co'os pezos amarellos;
Os formosos limões, ali cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente cóma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso.

Os dões que dá Pomona, ali natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veiu,
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

Para julgar difficil cousa fôra,
No céo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava ali Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vêm-se as letras nas flores hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ár cantando vôam,
Alegres animaes o chão povôam.

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

N'esta frescura tal desembarcavam
Já das Náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas harpas e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

Assi lh'o aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos Barões a preza incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Pósta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum d'elles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam que sem laço ou redes caia
Caça n'aquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica e benina,
Qual ferida lh'a tinha já Erycina.

Alguns, que em espingardas e nas béstas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras que das altas séstas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres:
Côres de quem a vista julga e sente,
Que não eram das rosas ou das flores;
Mas da lã fina e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

Dá Velloso espantado um grande grito:
— Senhores, caça estranha, disse, é esta;
Se inda dura o gentio antiguo rito,
A deosas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esp'rito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.—
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se céva,
Nas alvas carnes subito mostradas:
Uma de industria cae, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam;
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi e calçado (que co'a mora
De se despir ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo que n'elle arde.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao rosto o ferrëo cano, erguido
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da preza não duvida,
Nadando vae e latindo: assi o mancebo
Remette á que não era irmã de Phebo.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fôra d'elle maltratado;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado;
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança;

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza;
Já cansado, correndo lhe dizia:
«Oh formosura indigna de aspereza,
Pois d'esta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma.

Todas de correr cansam, Nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se t'o tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda commigo,
Oh não na creas, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Não canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que ainda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero vêr, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te:
E notarás no fim d'este successo,
Tra la spiga e la man qual muro è messo.

Oh não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vae seguindo?
O que tu só farás não me fugindo?

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração, que livre tinha?
Solta-m'o, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que n'esses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos peza?

N'esta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o pezo-d'ella,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.»

Já não fugia a bella Nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Caír se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro, que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sésta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é exprimental-o, que julgal-o,
Mas julgue-o quem não póde exprimental-o.

D'esta arte emfim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados Navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro e de ouro, flores abundantes:
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

Uma d'ellas maior, a quem se humilha
Todo o côro das Nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia:

Que depois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que ali viera
Por alta influição do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume de um monte alto e divino,
No qual uma rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a formosa e a forte Companhia,
O dia quasi todo estão passando
N'uma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

Que as Nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a Ilha angelica pintada,
Outra cousa não é, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites d'esta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos,
O mundo co'os barões, que esforço e arte,
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

Mas a Fama, trombeta de obras taes,
Lhe deu no mundo nomes tão extranhos,
De Deoses, Semideoses immortaes,
Indigetes, Heroicos e de Magnos.
Por isso, oh vós que as famas estimaes,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertae já do somno do ocio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo.

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomaes mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame e urgente:
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que pessuil-os sem os merecer.

Ou dae na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

E fareis claro o Rei que tanto amaes,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortaes
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façaes,
Que quem quiz sempre pôde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E n'esta Ilha de Venus recebidos.

CANTO X

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera, inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins occidentaes:
O grande ardor do sol Favonio enfrea
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava;

Quando as formosas Nymphas co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhes tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

Ali em cadeiras ricas crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do italico Falerno,
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
(Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena)
C'uma voz d'uma angelica Sirena.

Cantava a bella Nympha, e co'os accentos
Que pelos altos paços vão soando,
Em cousonancia igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando:
Um subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecem os brutos animaes.

Com doce voz está subindo ao céo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideias viu Proteo
N'um globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lh'o concedeu
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse; e na memoria
Recolheu logo a Nympha a clara historia.

Materia é de cothurno e não de sócco,
A que a Nympha apprendeu no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces um, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
N'este trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono;
Mas tu me dá que cumpra, oh grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha!

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira;
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte;

Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera d'amizade,
Soffrerá suas cidades e logares
Com ferro, incendios, ira e crueldade
Vêr destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova Gente.

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remedio d'este dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles lusitano:
O pêso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire emfim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem azas,
Por dous passos n'um tempo: mas voando
D'um n'outro, tudo irá desbaratando.

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido vôa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos;
Mas sempre (o Céo querendo) fará menos.

Que tornará a vez setima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza e aggrava;
Mas comtudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que ate li vão lhe fôra commettel-as.

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta Armada tenha:
Mas a militar arte e engenho, logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes córos invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

Aquelle, que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

Mas n'este passo a Nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido:
«Oh Belizario, disse, que no côro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quèm pódes consolar-te!

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro;
Em ti, e n'elle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça e que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecídos,
Á lingua vã de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassallo, oh Rei só n'isto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te um reino rico.
Em quanto fôr o mundo rodeado
Dos apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu n'isto culpado por avaro.»

Mas eis outro, cantava, intitulado
Nem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fertil aspero castigo,
Fazendo n'ella Rei leal e humano,
Deitado fóra o pérfido Tyranno.

*

Tambem farão Mombaça, que se arrêa
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sae como trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Despois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro n'ella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia,
As armadas de Egypto e de Cambaia.

Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A vêr o nobre ardor, que aqui se apprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda uma côxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella solta voôu da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

Vae-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grã tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

Eis vem o pae com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: sentil-o-ha o Nilo,
Podel-o-ha o Indo vêr, e o Gange ouvil-o.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho ou alta faia,
E o ár ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas;
Á de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir-Hocêm, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos,
E fumo, ferro, flammas e alaridos.

Mas ah, que d'esta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Um successo, que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar d'este mundo aquelle esprito
Que não tiraram toda a India e Egyto.

Ali Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não poderam;
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãs, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ár virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

Ali de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calayate:
Até que á força só de braço apprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tribuco rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Victoria a fronte lhe corôa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

Eis já sobre ella torna, e vae rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famélicos e touros,
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da egypcia santa Catharina.

Nem tu menos fugir poderás d'este,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe uma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o logar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'uma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de ocioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus uma ira insana não refrêa,
Põe na fama alva noda negra e fea.

Viu Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lh'a alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'um cêrco duro e urgente.
Sentiu Cyro, que andava já abrazado
Araspas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum máo desejo o venceria:

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de Amor, que emfim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
D'elle n'um caso grande em recompensa.
Por força, de Juditha foi marido
O ferreo Balduino; mas dispensa
Carlos, pae d'ella, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

Mas, proseguindo a Nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa:
D'ella dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de aguas cheas,
Verá, e o porto Arquico ali visinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
É maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique
Que perpetua memoria d'elle fique.

Não vencerá sómente os Malabares
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos áres
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cobiça triumpha e incontinencia;
Que em tal idade é summa de excellencia.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, oh forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas e submettas.

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil e semrasão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

Mas com tudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rôta
Por Heitor da Silveira, e destroçada:
Por Heitor portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre d'elle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que n'elle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta:
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sústenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando um teu ramo, oh Gama, se exprimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas um, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O Pirata francez, ao mar usado:
Despois, Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veiu
O fará retirar de sangue cheio.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E despois junto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo:
Em si verá Beadála o marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governal-a,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem d'elle, e nenhum fala.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido;
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

Persas feroces, Abassís e Rumes
Que trazido de Roma o nome têm,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cêrco feras vêm;
Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detém:
Em sangue portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes têm por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

Fernando um d'elles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ár levanta,
Será ali arrebatado e ao céo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

Eis vem despois o pae, que as ondas córta
Co'o restante da gente Lusitana;
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Uns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vae Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão pósta.

Estes e outros barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos d'esta Ilha.
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que córta a aguda quilha;
E acharão estas Nymphas e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

Assi cantava a Nympha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
«Por mais que da fortuna andem as rodas,»
N'uma cônsona voz todas soavam,
«Não vos hãode faltar, Gente famosa,
«Honra, valor e fama gloriosa.»

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonica e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas d'este alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

«Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporaes
Vêres o que não pode a vã sciencia
Dos errados e miseros mortaes.
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co'os mais.»
Assi lhe diz: e o guia por um mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui um globo vêm no ár, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e um centro a todos só tem posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba emfim por divina arte:

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido,
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a deosa: «O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás, e o que desejas.

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem principio e meta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo e sua superficie tão limada,
É Deos: mas o que é Deos ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Este orbe, que primeiro vae cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende e alcança;
De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno, fômos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
N'estas estrellas poz o engenho vosso:

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, emquanto podem, nos empecem.

Quer logo aqui a pintura, que varía,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega, que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente.

Emfim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo d'este circulo, onde as mundas
Almas divinas gosam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga: é o Mobile primeiro.

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra d'este, o sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo d'este leve anda outro lento,
Tão lento e sobjugado a duro freio,
Que emquanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda e seu pae, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopêa a formosura,
E do Orionte o gesto turbulento;
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre, os Cães, a Náo e a doce Lyra.

Debaixo d'este grande firmamento
Vês o céo de Saturno, deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claro olho do céo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio, de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vae Diana.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ár, o vento e neve:
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E têm, co'o mar, a terra por seu centro.

N'este centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentam;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios reis,
Varios costumes seus e varias leis.

Vês Europa christã, mais alta e clara
Que as outras em policia e fortaleza;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
D'essa gente sem lei, quasi infinita.

Vê do Benomotápa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal por que mais a gente súa;
Vê que do lago, d'onde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

Ólha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça real e defensão,
E na fidelidade dos vïsinhos;
Ólha d'elles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

Ólha lá as alagoas, d'onde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Vê-l-o, rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos:
Ólha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

N'esta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Hade ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso e caro:
O Rapto rio, nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo tóma as côres.
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa, e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquíco e Suanquem.

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade;
Outros dizem que Arsínoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Ólha as aguas, nas quaes abriu patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulcro de Sancta Catharina:
Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos céos se não deriva.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque ali sabida.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta, já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que é fechado
De Arabia, e persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
Á côr da aurora; e vê na agua salgada
Fez o Tygris e Euphrates uma entrada.

Olha da grande persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo e nos cavallos,
Que se injuría de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome despois e a gloria teve.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados d'ella:
Carmania teve já por apellido;
Mas vês o formoso Indo, que d'aquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaqueta a intima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

Vês, corre a costa celebre Indiana
Para o sul, até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a Gente lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hãode viver muitas edades.

As provincias, que entre um e outro rio
Vês com varias nações, são infinitas;
Um reino mahometa, outro gentio,
A quem tem o demonio leis escriptas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, varão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica;
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar n'aquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Pòder tiral-o a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabía bem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lh'o ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou d'isto alvoroçada,
Os Brahmenes o têm por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder a autoridade.

São estes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Um filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-n'o á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores:

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pae ser homicida.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: um beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matal-o em fim de tudo.

Um dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruido:
Já Christo n'este tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao céo subido.
A multidão das pedras que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Um dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do céo, cantando e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

E vós outros, que os nomes usurpaes
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estaes
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhae que se sois sal, e vos damnaes
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada;
No fundo da enseada o illustrio rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante; mas olha, que está posta
Para o Austro d'aqui virada a costa.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.
*

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassarí, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que d'esta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua viu.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produziu,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram:
Alguns que fosse Ophír imaginaram.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita:
D'aqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

Vês n'este grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas:
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio;
A gente d'elle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria tem depois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

Este receberá placido e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata é do páo cheiroso ornada;
Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se affama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd' o Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre um imperio e o outro se edifica;
Certissimo signal e conhecido,
Da potencia real, soberba e rica.
Estes, o Rei que têm, não foi nascido
Principe, nem dos paes aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que é famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta, meia escondida, que responde
De longe á China, d'onde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não descem
Nunca a terra, e só mortas apparecem.

Ólha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o rôxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
Lagrimas, no licôr coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado;
Com que da ilha o nome é celebrado.

Ali tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero e cheiroso:
Ólha a Sunda tão larga, que uma banda
Esconde para o sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que n'elle cae.

Vê n'aquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas trémulas vapóra,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licôr, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda e fino ouro dá tambem.

Ólha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pegada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas, soberana,
Cujo pômo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Áloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta e preciosa:
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar é d'alguns chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo daes,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegaes.
Mas é tambem rasão, que no Ponente
D'hum Lusitano um feito inda vejaes,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho hade fazer nunca cuidado.

Vêdes a grande terra, que contina
Vae de Callisto ao seu contrario pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Várias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis:
Descobril-a-ha a primeira vossa Frota.
Ao longo d'esta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico pólo vae da Linha,
D'uma estatura quasi gigantêa
Homens verá, da terra ali visinha;
E mais avante o Estreito, que se arrêa
Co'o nome d'elle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixaes sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas e formosas,
Que corôas vos tecem gloriosas:

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a Patria amada.»
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Nymphas, que hãode ter eternamente,
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno;
E á sua Patria e rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

Nó mais, Musa, nó mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, oh Rei, que por divino
Conselho estaes no regio solio posto,
Olhae que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

Olhae que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco; e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

Favorecei-os logo, e alegrae-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivae-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantae-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Todos favorecerei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos, exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs; toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente,
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Gallos, Italos e Inglezes,
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomae conselhos só d'exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando e pelejando.

Mas eu que fallo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, comtudo,
Que o louvor sae ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser presada:
Se me isto o céo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

Ou fazendo que, mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos e Trudante;
A minha já estimada e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM.

ESTANCIAS OMITTIDAS

Recolhidas dos dois Manuscriptos descobertos por Faria e Sousa

PRIMEIRO MANUSCRIPTO

CANTO I

Variante da est. LXXVII:

Isto dizendo, irado e quasi insano
Sobre a Thebana parte descendeu,
Onde, vestindo a fórma e gesto humano,
Para onde o sol nasce se moveu.
Já atravessa o mar Mediterrano,
Já de Cleopatra o reino discorreu;
Já deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Lybia circumstantes.

Depois da est. LXXVII:

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente
Que o septemfluo rio vae regando,
Onde reina o mui santo Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando:
Já passa a terra de aguas carecente,
Que estão as alagôas sustentando;
D'onde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

D'aqui ao cabo Prasso vae direito,
E entrando em Moçambique, n'esse instante
Se faz na fórma Mouro contrafeito,
A um dos mais honrados similhante.
E como a seu Regente fosse acceito,
Entrando um pouco triste no semblante,
D'esta sorte o Thebano lhe fallava,
Apartando-o dos outros com que estava.

Depois da est. LXXX:

E para que dês credito ao que fallo,
Que este Capitão falso está ordenando,
Sabe que quando foste a visital-o
Ouvi dois n'este caso estar fallando.
No que digo não faças intervallo,
Que eu te digo, sem falta, como, quando
Os pódes destruir; que é bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.

CANTO III

Depois da est. X:

Entre este mar, e as aguas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino,
Os Sarmátas estão, que se mantêm
Bebendo o roxo sangue, e leite equino.
Aqui vivem os Missios, que tambem
Tem parte de Asia; povo baixo e indino;
E os Abios que mulheres não recebem,
E muitos mais, que o Borysthenes bebem.

Em logar da est. XXIX:

Mas a iniqua mãe seguindo em tudo
Do peito feminil a condição,
Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma um seu irmão.
Vêde um peccado grave, bruto e rudo,
De outro nascido! Oh grande admiração!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada e por mulher.

*

CANTO IV

Depois da est. II:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo;
Foram-o os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antiguo povo rudo.
Mercurio e o douto Apollo são famosos
Por sciencia diversa e longo estudo:
Outros são só por armas soberanos;
Hercules e Lyeo, ambos Thebanos.

Bastardos são tambem Homero e Orpheo,
Dous a quem tanto os vossos illustraram;
E os dous de quem o Imperio procedeu,
Que Troia e Roma em Italia edificaram.
Pois se é certo o que a fama já escreveu,
Se muitos a Philippo nomearam
Por pae do Macedonico mancebo,
Outros lhe dão o magno Nectanebo.

Assi o filho de Pedro justiçoso,
Sendo governador alevantado
Do Reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem póde egualar qualquer passado.
Porque vendo-se o Reino receoso
De ser do Castelhano sujugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança,
Aos outros a falsifica esperança.

Depois da est. XI:

Nem no Reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio:
Nem na cidade nobre, que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
Mandou soldados déstros no exercicio:
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno Reino lusitano.

Depois da est. XIII:

Oh inimigos máos da natureza
Que injuriaes a propria geração!
Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber e de razão,
Vos fez, que a clara estirpe que se presa
De leal, fido e limpo coração,
Offendaes d'essa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes é o menor defeito.

Depois da est. XXI:

Qual o mancebo claro, no romano
Senado os grandes medos aquebranta
Do grão Carthaginez, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso não cuidou.

Depois da est. XXVII:

Já a fresca filha de Titão trazia
O sempre memorado dia, quando
As vesperas se cantam de Maria,
Que este mez honra, o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado: logo, em branqueando
A alva no céo, os Reis se aparelhavam,
E as gentes com palavras animavam.

Depois da est. XXXIII:

E vós Imperadores, que mandastes
Tanta parte do mundo, sempre usados
A resistir os asperos contrastes
De traidores crueis e alevantados:
Não vos queixeis: que agora se attentastes,
Um dos mais claros reis e mais amados,
Vê contra si, contra seu reino e lei,
Seus vassallos por outro extranho rei.

Depois da est. XXXV:

Passaram a Giraldo co'as entranhas
O grosso e forte escudo, que tomara
A Perez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.
Morrem Pedro e Duarte (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas e nas mortes.

Morrem Lopo e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a corôa
De quantos n'esta guerra se afamarem.
Por cima do cavallo Affonso vôa;
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matára)
O vão privar assi da vida cara.

De tres lanças passado Hilario cae;
Mas primeiro vingado a sua tinha;
Não lhe peza porque a alma assi lhe sae,
Mas porque a linda Antonia n'elle vinha;
O fugitivo esprito se lhe vae,
E n'este o pensamento que o sostinha;
E saindo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na bocca fria.

Em logar da est. XXXIX:

Favorecem os seus com grandes gritas
O successo do tiro; e elle logo
Toma outra: (que jaziam infinitas
Dos que as vidas perderam n'este jogo)
Corre enrestando-a forte; e d'arte incita
Á brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vão ferindo os cavallos de esporadas,
E os duros inimigos de lançadas.

Depois das est. XXXIX e XL:

Velasquez morre, e Sanches de Toledo,
Um grande caçador, outro letrado;
Tambem parece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado;
Montanchez, Oropesa, Mondonhedo:
(Qualquer déstro nas armas e esforçado)
Todos por mãos de Antonio, moço forte,
Déstro mais que elles, pois os trouxe á morte.

Guevara roncador, que o rosto untava,
Mãos e barba, do sangue que corria;
Por dizer, que dos muitos que matava
Saltava n'elle o sangue e o tingia:
Quando d'estes abusos se jactava,
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que ali lhe foi partida
Do corpo a vã cabeça e a torpe vida.

Pelo ár a cabeça lhe vôou,
Inda contando a historia de seus feitos:
Pedro, do negro sangue que esguichou,
Foi todo salpicado, rosto e peitos;
Justa vingança do que em vida usou,
Logo com elle ao occaso vão direitos
Carrilho, João da Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vão de medo.

Salazar, grão taful, e o mais antigo
Rufião que Sevilha então sostinha;
A quem a falsa amiga, que comsigo
Trouxe, de noite só fugido tinha;
Fugiu-lhe a amiga emfim para outro amigo,
Porque viu que o dinheiro com que vinha,
Perdeu todo d'um resto; e não perdera,
Se uma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
E o mundo todo, a terra, e o céo vagante
Blasfemando ameaça, e determina
De vingar-se em qualquer que achar diante:
Encontra com Gaspar, (que Catharina
Ama em extremo) e leva do montante
Que no ár fere fogo; e certo cria
Que um monte da pancada fenderia.

Bem cuida de cortal-o em dous pedaços;
Porém Gaspar, vendo o montante erguido,
Cerra com elle, e leva-o nos braços;
Comettimento déstro e atrevido.
Bracêa o Castelhano, e de ameaços
Se serve ainda; e estando já vencido,
O Portuguez forçoso, em breve móra,
Lhe leva a arma das mãos e salta fóra.

E porque elle não lhe uze a propria manha
Que este lhe usara já, de ponta o fere:
Nos peitos o montante, emfim, lhe banha,
Porque de outra vingança desespere.
Fugiu-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartárea inda blasphema; ali refere
Que mais não açoutar a amiga ingrata,
Que os açoutes de Alecto o pena e mata.

E do metal de espadas aos damnados
Diz males e blasphemias sem medida;
Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutão de seus peccados,
Que se lhe mostre a amiga já fugida,
Em brincos de outro, e beijos enlevada:
Remette elle para elles, e acha nada.

Depois da est. XLIV:

Oh pensamento vão do peito humano!
Agora n'este cego error caíste?
Agora este formoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?
Agora que com sangue e proprio dano
A dura experiencia acerba e triste,
T'o tem mostrado! E agora, que o provaste,
Os conselhos darás que não tomaste.

Dos corpos dos imigos cavalleiros,
Do mato os animaes se apascentaram;
As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua destillaram.
Os pastores do campo e os monteiros
Da visinha montanha, não gostaram
As aves de rapina em mais d'um anno,
Por terem o sabor do corpo humano.

Variante da est. XLIX:

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Neptuno então Protheo propheta:
— Temo que d'esta gente, Gente venha,
Que de teus reinos o grão sceptro tenha.

Já toma a forte porta inexpugnavel,
Que o Conde desleal primeiro abriu,
Por se vingar do amor inevitavel
Que a fortuna em Rodrigo permittiu;
Mas não foi esta a causa detestavel
Que a populosa Hespanha destruiu:
Juizo de Deos foi por causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, oh nobre Hespanha, estás segura
(Se segurar te podem cavalleiros)
De outra perda como esta, iniqua e dura,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deu á próspera ventura
Do Rei Joanne a terra, que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestára;
E vencida ficou mais nobre e clara.

Variante da est. LXI:

. . . .
. . . .
. . . .
Da próspera cidade de Veneza:
Veneza, a qual os povos que escaparam
Do gotthico furor e da crueza
De Attila, edificaram pobremente,
E foi rica despois, e preeminente.

Depois da est. LXVI:

Não foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno e governança,
Este, de cujo illustre e forte peito
Depende uma grandissima esperança:
Pois não havendo herdeiro mais direito
No reino, e mais por esta confiança,
Joanne o escolheu, que só o herdasse,
Não tendo filho herdeiro, que reinasse.

Depois da est. LXXXVI:

Ali lhe promettemos, se em socego
Nos leva ás partes onde Phebo nace,
De, ou espalhar sua fé no mundo cego,
Ou o sangue do povo pertinace.
Fizemos para as almas tanto emprego
De fiel confissão, pura e verace
Em que, posto que hereges a reprovam,
As almas, como o Phenix, se renovam.

Tomamos o divino mantimento,
Com cuja graça santa tantos dias,
Sem outro algum terrestre provimento,
Se sustentaram já Moysés e Elias:
Pão, de quem nenhum grande pensamento,
Nem sutis e profundas phantesias,
Alcançam o segredo e virtude alta,
Se do juizo a fé não suppre a falta.

CANTO VI

Depois da est. VII:

Lá na sublime Italia um celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o Capitão Troiano ousado
Ás negras sombras foi do escuro inferno.
Por ali ha tambem um desusado
Caminho, que vae ter ao centro interno
Do mar, aonde o deos Neptuno mora:
Por alli foi descendo Baccho agora.

Depois da est. XXIV:

A dôr do desamor nunca respeita,
Se tem culpa, ou se não tem culpa a parte;
Porque se a cousa amada vos engeita,
Vingança busca só de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o segue?

Depois da est. XL:

De que serve contar grandes historias
De Capitães, de guerras afamadas,
Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheias sujugadas?
Outros farão grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas:
Eu as farei (se fôr no mundo ouvido)
De como só de uns olhos fui vencido.

Não foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia, vigiando;
Que com quanto era duro e bellicoso,
Amor o tinha feito manso e brando.
Tão concertado vive este enganoso
Moço co'a natureza, que tratando
Os corações tão doce e brandamente,
Não deixa de ser forte quem o sente.

— Contae, (disse) senhor, contae de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas. —
Concederam os mais vigiadores,
Que alli fossem de todos referidas
As historias, que já de amor passaram;
E assi sua vigia começaram.

Disse então Leonardo: «Não espere
Ninguem que conte fabulas antigas:
Que quem alheias lagrimas refere,
Das proprias vive isento, e sem fadigas;
Porque, despois que amor co'os olhos fere,
Nunca por tão suaves inimigas,
Como a mi só no mundo tem ferido
Pyramo, nem o nadador de Abido.

Fortuna, que no mundo póde tanto,
Me deitou longe já da patria minha,
O tão longo tempo viví, quanto
Bastou para perder um bem que tinha.
Livre vivia então; mas não me espanto,
Senão que sendo livre, não sostinha
Deixar de ser captivo, que o cuidado,
Sem porque, tive sempre namorado.»

Variante da est. LXXXI:

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que o astrifero Polo senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas erythreas:
Se por móres perigos me trouxeste,
Que ao itacense Ulysses, ou a Eneas,
Passando os largos términos de Apollo,
Pelas furias de Tethys e de Eolo.

Depois da est. XCIV:

Olhae como despois de um grande medo,
Tão desejado bem logo se alcança;
Assi tambem detraz de estado lêdo
Tristeza está, certissima mudança.
Quem quizesse alcançar este segredo
De não se vêr nas cousas segurança,
Creio, se esquadrinhal-o bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoudecesse.

Não respondo a quem disse, que a Fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou Deos ao mundo por coluna
Deosa, que ora se abaixe, ora levante.
Opinião das gentes importuna
É ter, que o homem aos anjos similhante,
Por quem já Deos fez tanto, se pozesse
Nas mãos do leve caso, que o regesse.

Mas quem diz, que virtudes ou peccados
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá se os máos vir sublimados?
Que me dirá se os bons vir abatidos?
Se alguem me diz, que nascem destinados
Parece razão aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado ao meu destino,
Que mais me val ser sancto, que malino?

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa d'elles mais querida.
Mas o Cabral, que o numero accrescenta
Dos naufragios, na costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto,
A perde, ou por destino ou por acerto.

Se havia de perdel-a em breve instante,
O salval-a primeiro, que lhe val?
Fortuna ali, se é habil e prestante,
Porque não dava um bem detraz de um mal?
Bem dizia o philosopho elegante
Simónides, ficando em um portal
Salvo, d'onde os amigos morrer vira,
Na sala arruinada que cahíra:

Oh poder da fortuna tão pesado,
Que tantos n'um momento assi mataste!
Para que maior mal me tens guardado,
Se d'este, que é tamanho, me guardaste?
Bem sabia que o céo estava irado;
Não ha damno que o seu furor abaste;
Nem fez um mal tamanho, que não tenha
Outro muito maior, que logo venha.

Mui bem sei, que não falta quem me désse
Razões sutis, que o engenho lhe assegura;
Nem quem segundas causas resolvesse:
Materias altas, que o juizo apura.
Eu lhe fico que a todos respondesse,
Mas não o soffre a força da escriptura:
Respondo só, que a longa experiencia
Enlea muitas vezes a sciencia.

*

SEGUNDO MANUSCRIPTO

Que pertenceu a Manoel Corrêa Montenegro

CANTO VIII

Depois da est. XXXII:

Este deu grão principio á sublimada
Illustrissima casa de Bragança,
Em estado e grandeza avantajada
A quantas o hespanhol imperio alcança.
Vês aquelle, que vae com forte armada
Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento que pertende,
E a villa de Azamor combate e rende?

He o Duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antíguo, e successor famoso,
Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando d'esta vez tão admirado
A todo o mundo, e o Mouro tão medroso,
Que inda atégora nunca ha despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais ávante
Não passa co'a catholica conquista,
Nos muros de Marrocos e Trudante,
E outros logares mil á escala vista;
Não é por falta de animo constante,
Nem de esforço, e vontade prompta e lista;
Mas foi por não passar o limitado
Término, por seu rei assignalado.

Depois da est. XXXVI:

Achou-se n'esta desigual batalha
Um dos nossos de imigos rodeado;
Mas elle de valor, mais que de malha,
E militar esforço acompanhado,
Do primeiro o cavallo mata, e talha
O collo a seu senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando,
Os torvados contrarios vae deixando.

CANTO X

Depois da est. LXXII :

Verá-se, emfim, toda a India conjurada,
Com bellico aparelho; varias gentes,
Chaul, Goa e Malaca ter cercada
Em um tempo logares differentes;
Mas vê como Chaul quasi tomada,
O mar com suas ondas eminentes,
Vae soccorrer a Gente portugueza,
Que só de Deos espera já defeza.

Vês qual o Rei gentio presuroso
Arde, cérca, discorre e anda listo,
Incitando o exercito espantoso
A destruir um esquadrão de Christo?
Mas nota o ponto de honra generoso,
Em cêrco, nem batalha nunca visto;
Os soldados, fugindo do seguro,
Passar-se ao posto perigoso e duro.

Ali o prudentissimo Athaíde,
Confortado da ajuda soberana,
Onde a necessidade e tempo o pide,
Soccorrerá com força mais que humana.
Até que com seus damnos se despide
Do cru intento a gente vil, profana,
Que em batalhas e encontros mil vencidos,
Virão a pedir paz arrependidos.

Emquanto isto passar cá na lumiosa
Costa de Asia e America sombria,
Não menos lá na Europa bellicosa,
E nas terras da inculta Barbaria,
Mostrará a gente elysia valerosa
Seu preço, de temor tornando fria
A zona ardente, em vêr que uma conquista
Lhe não faz que das outras tres desista.

Verão o valentissimo Barriga,
Adaíl de Zafim, grande, afamado,
Sem ter por armas quem lh'o contradiga,
Correr de Mauritania serra e prado.
Mas vê como a infiel gente inimiga
O prende por um caso desastrado,
E com elle outra gente leva presa;
Que em tal caso não póde ter defeza.

Mas passado este trance perigoso,
Olha onde preso vae, como arrebata
A lança d'um dos Mouros, e furioso
Com ella a seu senhor derribá e mata.
E revolvendo o braço poderoso,
Os seus livra, e os imigos desbarata:
E assi todos alegres e triumphantes,
Se tornam d'onde foram presos antes.

Eil-o cá por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
Carregado de ferros, de tal peso,
Que de um logar mover-se não podia.
Vêl-o de generoso fogo acceso,
Que o páo ensanguentado sacudia,
Com que ao soberbo Mouro a morte déra,
Que em sua honrada barba a mão puzera!

Mas vê como os infidos Agarenos,
Por mandado lhe dão do rei descrido,
Tanto açoute por isto, que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido,
Sem que ao forte Varão vozes, nem menos
Ouvissem dar um intimo gemido:
Já vae a Portugal despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado.

Olha o Cabo de Aguer aqui tomado
Por culpa dos soldados de secorro:
Vês o grande Carvalho ali cercado
De imigos, como touro em duro corro?
De trinta Mouros mortos rodeado,
Revolvendo o montante, diz: «Pois morro,
Celebrem mortos minha morte escura,
E façam-me de mortos sepultura.»

Ambas pernas quebradas, que passando
Um tiro, espedaçado lh'as havia;
Dos giolhos e braços se ajudando,
Com nunca visto esforço e valentia:
Em torno pelo campo retirando,
Vae a agarena, dura companhia,
Que com dardos e settas, que tiravam,
De longe dar-lhe a morte procuravam.

Depois de est. LXXIII:

Com taes obras e feitos excellentes
De valor nunca visto, nem cuidado,
Alcançareis aquellas preeminentes
Excellencias, que o céo tem reservado
Para vós outros, entre quantas gentes
O sol aquenta, e cérca o humor salgado;
Que em pouco se acham poucas repartidas,
E em nenhuma nação juntas e unidas.

Religião, a primeira, sublimada,
De pio e santo zelo revestida;
Ao culto divinal sómente dada,
E em seu serviço e obras embebida.
N'esta, a Gente no Elyseo campo nada,
Se mostrou sempre tal em morte e vida,
Que póde pretender a primazia
Da illustre e religiosa monarchia.

Lealdade é segunda, que engrandece,
Sobre todas, o nobre peito humano;
Com a qual semelhante ser parece
Ao côro celestial e soberano.
N'esta por todo o mundo se conhece
Por tão illustre o Povo lusitano,
Que jámais a seu Deos, e rei jurado,
A fé devida e publica ha negado.

Fortaleza vem logo, que os auctores
Tanto do antiguo Luso magnificam,
Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras, ser verdadeira certificam:
Dando materia a novos escriptores,
Com feitos, qué em memoria eterna ficam;
E vencendo do mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta, que no imperio
Portuguez só reside com possança:
Pois no sublime e no infimo hemispherio
As quatro partes só do mundo alcança:
E as quatro Nações d'ellas por mysterio
Com que conquista, e tem certa esperança,
Que Christãos, Mouros, Turcos e Gentios,
Juntarão n'uma lei seus senhorios.

Descobrimento é quinta, que bem certo
Á Gente lusitana só se deve,
Pois tendo Norte a Sul já descoberto,
Adonde o dia é grande, e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto,
De Ponente a Levante, inda se atreve
Cercar o mundo em torno por direito:
Feito despois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
Do Peito portuguez, e cortezia,
Temperança, fé, zelo e caridade,
Com outras muitas, que contar podia.
Pois a segundo o ponto da verdade,
E regras da moral philosophia,
Não póde conservar-se uma virtude,
Sem que das outras todas se arme e ajude.

Mas d'estas, como base e fundamento
D'aquellas cinco insignes excellencias,
Em que ellas tem seu natural assento,
E de quem tomam suas dependencias:
Não quero aqui tratar, que meu intento
Não é descer a todas minudencias,
Que geraes são no mundo a muita gente,
Senão das que em vós se acham tam sómente.

Mas não será de todo limpo e puro,
O curso desigual de vossa historia:
Tal é a condição do estado escuro
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguarão grandemente vossa gloria;
Mas não poderá algum successo ou fado
Derribar-vos d'este alto e honroso estado.

Tempo virá, que entr'ambos hemispheiros
Descobertos por vós e conquistados,
E com batalhas, mortes, captiveiros,
Os varios povos d'elles sujeitados:
De Hespanha os dous grandissimos Imperios
Serão n'um senhorio só juntados,
Ficando por metrópoli e senhora
A Cidade que cá vos manda agora.

Ora pois, Gente illustre, que no mundo
Deos no gremio catholico conserva,
Redemidos da pena do profundo,
Que para os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeu o immundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva;
Pois sabeis alcançar a gloria humana,
Fazei por não perder a soberana.

Depois da est. CXLI:

D'aqui saindo irá, donde acabada
Sua vida será na fatal Ilha:
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de tão grande maravilha;
Verão a náo Victoria celebrada
Ir tomar porto juncto de Sevilha,
Despois de haver cercado o mar profundo,
Dando uma volta em claro a todo o mundo.

VARIANTES (*)

CANTO I

Est.	v.º	
1	1	As armas e os *varões* assignalados, 3.º Ms.
2	2	D'aquelles *que a fé* foram dilatando, Ib.
	3	*E o Imperio* e as terras viciosas. Ib.
	6	Se vão *das leis* da morte libertando. Ib.
	7	*Espalharei cantando* por toda a parte.
	8	*S'*a tanto me ajudar—engenho e arte. Ib.
3	3	Cale-se *de Alexandre,* e de Trajano. Ib.
	7	Cesse tudo o que a Musa *antiga* canta. Ib.
4	1	E vós, *Tagides Musas,* pois creado. 1.º Ms. e 3.º Ms.
		E vós, *Musas do Tejo,* pois creado. 2.º Ms.
	3	*Pois* sempre em verso humilde celebrado. 1.º Ms. e 3.º Ms.
5	4	Que o peito accende, e a côr ao *justo* muda. 3.º Ms.
	6	Gente vossa que—Marte tanto ajuda. 1.º Ms.
7	5	Vede *o* vosso escudo, que presente. 3.º Ms.
8	1	Vós *ó sagrado* Rei, cujo alto Imperio. 1.º Ms.
		Vós, poderoso Rei, *a cujo* imperio. 3.º Ms.
	3	Do torpe *Mauritano* cavalleiro. 1.º Ms.
	6	*Tambem o vê* no meio do *Emispherio.* 3.º Ms.

(*) O 1.º Ms. é o que achou Faria e Sousa, em Hespanha; o 2.º Ms. é o que pertenceu a Manoel Corrêa; o 3.º Ms. é a copia do 1.º canto por Luiz Franco.

9 1 *Incrinai* por um pouco a magestade. 3.º Ms.
2 Que n'esse *bello* gesto vos contemplo. 2.º Ms.
10 4 Por um pregão do ninho meu *superno*. 2.º Ms.
5 Ouvi, vereis o *peito* engrandecido. 1.º Ms.
6 D'aquelles de quem sois senhor *paterno*. 2.º Ms.
11 1 Ouvi, que vereis *com communs* façanhas. 1.º Ms.
Ouvi; que não vereis *communs* façanhas. 3.º Ms.
8 *Orlando*, inda que fora verdadeiro. Ib.
12 2 Que fez ao Rei e ao reino *um* tal serviço. 3.º Ms.
3 Um Egas e um Don *Frias*, que de Homero. Ib.
4 A cithara para *elle* só cubiço. Ib.
6 Os *onze* de Inglaterra, e o seu Magriço. 1.º Ms.
7 *Dar-vos-hei* mais aquelle illustre Gama. 3.º Ms.
8 Que para si de Eneas *tomou* a fama. Ib.
13 5 E aquelle que a seu reino segurança. 3.º Ms.
6 Deixou *o da* grande e prospera victoria. Ib.
14 9 *Dois Almeidas, que inda* o Tejo chora. 3.º Ms.
7 Albuquerque *invencivel*, Castro forte. Ib.
Albuquerque invencibil, Castro forte. 1.º Ms.
15 4 Dareis materia *a mim* e ouvido canto. 3.º Ms.
5 *Comece-se* a sentir o peso grosso. Ib.
16 2 Em quem vê seu *remate* afigurado. 2.º Ms.
3 *Com vos ouvir* o barbaro gentio. 3.º Ms.
4 *O collo mostra* ao jugo já inclinado. 2.º Ms.
18 2 *Muito mais do que os vossos* o desejam. 1.º Ms.
Muitos mais do que os vossos o desejam. 3.º Ms.
19 6 Cobertos, *donde* as prôas vão cortando. 3.º Ms.
20 6 *Pelo caminho lacteo excellente*. 1.º e 3.º Ms.
21 2 Que do poder *mui* alto lhe foi dado. 3.º Ms.
4 Governa o céo *e* a terra e o mar irado. Ib.
7 E os que o *antarctico Polo* e as partes onde. 2.º Ms.
22 4 Com *um* gesto severo e soberano. 1.º e 3.º Ms.
Com gesto alto, *sereno* e soberano. 2.º Ms.
23 3 *Os outros mais abaixo* se assentavam. 1.º Ms.
4 Como a razão e a ordem *conservavam*. 3.º Ms.

8 *Com* tom de voz começa, grave horrendo. Ib.
24 5 *Deve-vos de ser noto e evidente.* 1.º Ms.
Deve-vos ser noto e evidente. 3.º Ms.
25 1 *Dahi* lhe foi, bem o vistes, concedido. 3.º Ms.
Pois contra o *Brigio* tão temido. Ib.
Pois contra o *Brigio duro* tão temido. 1.º Ms.
26 7 *Por Capitão Geral o peregrino*
Que achou na cerva espirito divino. 1.º Ms.
27 1 Agora vedes bem que *accommettendo.* 3.º Ms.
29 (Omittida no 3.º Ms.)
30 (Omittida no 3.º Ms.)
31 1 *Baccho que dos fados ouvira* que viria. 3.º Ms.
3 Pelo mar alto, *o* qual *sogigaria.* Ib.
32 (Omittida no 1.º Ms.)
33 2 *Inclinado* á gente luzitana. 3.º Ms.
3 Por *quanta semelhança* via n'ella. 1.º e 3.º Ms.
4 *Da tão amada antiga* sua Romana. 3.º Ms.
34 3 Que hade ser celebrada a *alma* dea. 1.º Ms.
Quando honrada hade ser por alma dea. 3.º Ms.
4 *Da bellicosa gente onde* se estende. Ib.
5 Assi que, um pela infamia que *receia.* Ib.
35 2 De sylvestre arvoredo *bastecida.* 3.º Ms.
8 *Antre* os deoses no Olympo consagrado. Ib.
37 6 C'o o *tronco* do bastão no solio puro. 3.º Ms.
38 4 *Cujo valor* e obras tanto amaste. 1.º e 3.º Ms.
5 Não queres que *padeça* vituperio. 3.º Ms.
7 Não ouças mais, pois és Juiz *perfeito.* 1.º Ms.
39 3 Bem fôra que aqui Baccho *o* sustentasse. 3.º Ms.
4 Pois que de Luso vem, seu tão *amado.* Ib.
6 *Já* que emfim vem de estomago damnado. Ib.
8 O bem que outrem *tem,* e o céo deseja. Ib.
42 2 Casa etherea — omnipotente. 3.º Ms.
4 Já — da banda do Austro e do *Occidente.* Ib.
6 Ilha *Madagascar* e o sol ardente. 1.º Ms.
43 3 Sereno o *mar* e os *ventos* se mostravam. 3.º Ms.

43 5 O promontorio *prazo* já passavam. Ib.
6 *D'onde tomam as ondas* nome antigo. 1.º e 3.º Ms.
44 1 Vasco da Gama o *grande* Capitão. 1.º e 3.º Ms.
Que toda a Armada manda e lhe obedece. 1.º Ms.
A quem toda a armada manda e obedece. 3.º Ms.
2 A quem fortuna *tanto* favorece. 3.º Ms.
5 *Para aqui se* deter não vê razão. Ib.
6 Que inhabitada — terra lhe parece.
45 1 *Ali* apparecem logo em companhia. 3.º Ms.
4 Cortando o *grande* mar com larga vela. Ib.
6 Não sabe mais que *oulhar* a causa d'ella. Ib.
8 Que costumes, *que Rei, que Lei* teriam? Ib.
46 7 *O'* mundo deu, de ousado e não prudente. 3.º Ms.
47 1 De *panno* de algodão vinham vestidos. 3.º Ms.
5 *Da sinta* para cima vem despidos. Ib.
48 5 Como — aqui os trabalhos — acabassem. 3.º Ms.
8 *A* ancora o mar *ferindo* em cima salta. 1.º Ms.
49 3 *Ledos no gesto* vem humanamente. 3.º Ms.
3 O Capitão *illustre* os recebia. Ib.
6 Do *liquor* que *Noé* prantado havia. Ib.
7 Enchem vasos de *prata*, e do que deitam. 2.º Ms.
50 2 *Pola* arabica lingua, donde vinham. 3.º Ms.
52 6 (Se entre vós a verdade *se não* nega). 3.º Ms.
53 4 A *natureza* sem lei e sem rasão. Ib.
6 O *craro* descendente de Abrahão. Ib.
54 2 He em toda esta *costa* certa escala. Ib.
3 *E* de todos os que as ondas navegamos. Ib.
4 De Quiloa, Mombaça e de Sofala. Ib.
8 *É o nome da* ilha Moçambique. 1.º Ms.
55 2 Buscando o *negro* Idaspe e terra ardente. 3.º Ms.
56 6 *Com ho* carro de crystal o claro dia. Ib.
57 3 Por acharem *de* terra tão remota. 3.º Ms.
8 Tanto *pelo* mundo se estenderam. Ib.
58 1 *De Phebe* os claros raios rutilavam. 2.º Ms.
2 As estrellas *o céo* acompanhavam. 3.º Ms.

58 5 *Os ventos desabridos* repousavam. 1.º Ms.
6 Pelas *escuras covas* peregrinas. 3.º Ms.
8 Como *de* longo tempo costumava. Ib.
59 6 E de toldos *mui* alegres se adornou. 3.º Ms.
7 Por receber com *festa* e alegria. Ib.
60 7 Vieram; — por ordem do destino. 3.º Ms.
61 2 O *Xeque* e toda a sua companhia. 3.º Ms.
3 Dá-lhe de *riquas* peças um presente. Ib.
5 Dá-lhe conserva doce, *excellente.* 3.º Ms.
Dá-lhe conserva doce *e excellente.* 1.º Ms.
5 *Co'o purpureo liquor que Baccho cria.* 1.º e 3.º Ms.
62 1 Está a gente *nautica* de Luso. 2.º Ms.
63 2 Os livros *da* sua lei, preceito *e* fé. 3.º Ms.
8 Quando co'os *imigos* pelejavam. Ib.
64 5 Nem *sam* da terra, nem *de* geração. 3.º Ms.
8 Busco as terras da India *valerosa.* 1.º e 3.º Ms.
66 7 Como amigo as verás, *que eu te digo.* 3.º Ms.
67 3 Vem arnezes, *traçados* e *luzentes.* Ib.
7 *Béstas* e sagittiferas aljavas. 2.º Ms.
Partazanas agudas, *maças graves.* 3.º Ms.
8 Partazanas agudas, *maças* bravas. 1.º
68 5 Entre gentes tão *fracas* e medrosas. 3.º Ms.
69 3 Hum odio *natural se lhe criou.* 3.º Ms.
5 *No parecer de fóra* o não mostrou. Ib.
7 Tratal-os brandamente *detriminava.* Ib.
70 3 *Disse-lhe* que o *premio largo* levarão. 3.º Ms.
5 *Promette-lhe* o Mouro com tenção. Ib.
8 Em logar de *piloto* lhe daria. Ib.
71 1 Tamanho odio foi e má vontade. Ib.
2 Que aos *da armada* subito tomou. 1.º Ms.
Que aos *da armada supito* tomou. 3.º Ms.
3 Sabendo ser *secases* da verdade. Ib.
8 Aquelles de quem *Deus foi sempre* amigo. Ib.
72 2 Das Náos o falso *Xeque* despedido. Ib.
7 Na terra do *inimigo* ajuntamento. 1.º e 3.º Ms.

*

72	8	Se foi o Mouro ao *regio* aposento. Ib.
73	2	Que da *paterna* coxa foi nascido. 3.º Ms.
	4	*Que ao Mouro foi* molesto e aborrecido. Ib.
	5	No pensamento cuida um *novo* engano. Ib.
	7	E emquanto isto *n'*alma imaginava. Ib.
74	5	E eu—filho do Padre sublimado. 3.º Ms.
75	4	Debaixo do seu jugo o *bravo* Marte. 3.º Ms.
	7	Que eu—*o* Macedonio e *o* Romano. Ib
76	4	Que *nunqua* veja as partes do Oriente. Ib.
	5	Eu descerei á terra, e o *indinado.* Ib.
79	3	Que quasi todo o mar tem *descorrido.* 1.º Ms.
	5	*Contra nós lá nos altos pensamentos.* Ib.
	7	São para *nos destruirem* e roubarem. Ib.
80	5	Tu deves *tambem de ir* com os teus armado. 3.º Ms.
	8	*Possa mais facilmente ser desbaratada.* 3.º Ms.
81	3	Eu tenho *imaginado* no conceito. 3.º Ms.
	4	Outra manha *gentil,* que te contente. Ib.
	6	Seja *sagaz astuto,* e tão prudente. Ib.
		Seja *instructo* no engano, e tão prudente. 1.º Ms.
82	1	Tanto que estas *razões Baccho* acabou. 3.º Ms.
	2	O *já danado Xeque,* sabio e velho. Ib.
	7	Para que *aos Portuguezes* se lhe tornasse. Ib.
83	3	*Dissimulado,* e sabio em todo dano. 3.º Ms.
	6	Por taes *mares e costas,* co' elle ande. Ib.
84	6	Como se *fôra* o engano já sabido. Ib.
85	1	*Porque* mandado *d'antes* tinha á terra. 3.º Ms.
	2	*A buscar o* piloto necessario. Ib.
	3	*Mas na resposta viu futura* guerra. Ib.
86	3	*Qual* escudo embraçado e azagaia. Ib.
		Qual em cavallo ardente e de azagaia. 1.º Ms.
	4	*Na mão qual arco curvo* a setta ervada. 1.º Ms.
		Na qual arco curvo e setta ervada. 3.º Ms.
87	1	*Andam na escaramuça polvorosa.* 1.º e 3.º Ms.
		Com adarga, *com lança* perigosa. 3.º Ms.
88	5	*Corre, salta, assovia,* acena e brada, 1.º Ms.

89 1 Eis nos bateis o fogo se *alevanta*. 3.º Ms.
3 A plumbea pélla mata, o *estouro* espanta. 2.º Ms.
90 2 Mas seguindo a victoria *fere* e mata. 3.º Ms.
4 *Assola, accende, rompe* e desbarata. 3.º Ms.
91 2 Sem força, de covarde e apressado. Ib.
4 *Dá* armas o furor desatinado. Ib.
92 2 *Corta outro* o mar a nado diligente. Ib.
3 *Hum* se afoga nas ondas encurvadas. Ib.
4 *Bebe outro* o mar e o deita juntamente. Ib.
6 *Os fortes paráos* subtis da bruta gente. 1.º Ms.
8 *A má intenção da gente* enemiga. 3.º Ms.
A má tenção contraria, inimiga. 1.º Ms.
94 6 Que a *danada* tenção no peito encerra. 3.º Ms.
7 Para *o* guiar á morte lhe mandava. Ib.
95 2 Tornar a seu caminho *costumado*. Ib.
3 Que o tempo *aparelhado* e *vento* tinha. Ib.
5 *Recebido* o piloto que lhe vinha. Ib.
96 5 O Capitão que não *temia* nada. Ib.
6 *O* enganoso ardil que o Mouro ordia. Ib.
8 Da India toda e *terras* que passava. Ib.
97 2 Que o *malvado Xeque* lhe ensinara. Ib.
98 1 *Disse*-lhe mais co'o falso pensamento. Ib.
3 Que perto *estava* uma ilha, cujo assento. Ib.
4 Povo antiguo christão *habita* e habitou. Ib.
Povo christão habita, e habitou. 1.º Ms.
99 3 Que a ilha *e povoação he* da malina. 3.º Ms.
4 Gente que segue o *falso* Mafamede. Ib.
6 Porque em *forças* e *poderes* muito excede. Ib.
7 A Moçambique a ilha, que se chama. Ib.
100 1 Para lá se *incrina* a leda frota. 3.º Ms.
2 Mas a deosa em *Cytherea* celebrada. Ib.
6 Se perca a gente d'ella *tão* amada. Ib.
102 2 Como por regimento em *si* levava. Ib.
4 *E a que havia a medo* celebrava. Ib.
103 5 De nobres edificios *adornada*. Ib.

103 6 *Segundo o que de fóra* descobria. Ib.
104 1 Sendo *já* o Capitão *a ella* chegado. Ib.
4 Como o *piloto falso* lhe dissera. Ib.
8 *Na figura do* Mouro que tomara. 1.° e 3.° Ms.
106 4 Tanta necessidade *offerecida.* 3.° Ms.
7 Que não se arme e *s'indine* o céo sereno. Ib.
8 Contra um *verme* da terra tão pequeno. 2.° Ms.

N. B. O 3.º Ms. termina com esta nota: «*Não continuo porque saíu á luz.*»

CANTO II (1)

Est.	v.°	
1	4	Chegava á desejada e *humida* meta.
	6	Lhe estava o Deos *Neptuno* a porta abrindo. 2.° Ms.
	7	Quando as *fingidas* gentes se chegaram.
4	6	O rubi fino, o *duro* diamante,
5	3	E diz, que porque *a noite o sol* esconde.
11	7	Como os que só *co'as* linguas que cairam.
12	2	Onde com este engano *Bromio* estava,
13	8	Da *filha* de Tritão a roxa fronte:
14	8	Dentro no *falso* rio entrar queria.
16	1	Com isto o Gama *illustre* recebia.
19	1	Convoca as *lindas* filhas de Nereo,
20	6	Por cima da agua em *fresca* força summa;
	7	Abrem caminho as ondas *levantadas.*
24	4	O leme a um bordo e a outro *trabalhando.*
26	4	*E por salvar-se a nado arremetiam.*
28	4	Tambem foge, saltando na agua *clara.*
29	1	Vendo o *Capitão claro* a estranheza
30	3	Oh descoberto engano *inesperado.*
	8	Não acudir á fraca *gente* humana?
34	3	Que *aos deoses,* ao céo e ao ar visinho,
36	1	Os *frescos* fios d'ouro se esparziam.
39	3	Te achasse *amigo,* brando e amoroso,
	4	Posto que a algum *celeste* lhe pezasse.

(1) Até ao Canto VI todas as Variantes são do 1.° Ms.; as do 2.° Ms. vão intercalladas nos logares competentes.

41 2 Que pois eu fui... E n'isto, *como irosa.*
43 7 Dos Fados os *segredos* revolvendo. 2.º Ms.
44 3 Nem que *outro algum celeste* possa mais.
4 Commigo, que esses olhos soberanos.
45 3 E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos e a fonte de Timavo.
46 8 Serão *postas* na terra leis melhores.
50 5 Invejoso vereis *estar* Mavorte.
52 5 Vereis *mais* em Cochim desbaratar-se
6 *Um coração tão inclyto e valente.* 2.º Ms.
53 3 Nas Accias guerras *forte e venturoso,*
3 *Nas intestinas guerras venturoso.* 2.º Ms.
56 1 Como isto désse, manda *o bem falado.* Ib.
58 2 Do luzitano o preço grande e *claro;*
7 De ver a *Gente* forte o gesto e modo
Já Melinde em desejos arde todo.
61 5 *Manso o vento* tens e o Oceano,
64 3 Acorda, e vê *ferir* a escura treva,
68 3 Ao longe dous navios, *mansamente*
Co'os ventos navegando, que *suspiram:*
70 1 E como o *illustre* Gama desejasse.
74 4 Que toda a de outra *costa* atraz deixada.
77 4 Que *lá* de longe *tinha* apparelhado:
5 Escarlata purpurea, *excellente;*
6 *Com o coral puniceo tem,* e prezado,
80 5 Mas da *famosa* Europa navegando
6 Imos buscando as terras *nomeadas.*
86 4 Nenhum *temor ou medo* em vós se imprima.
95 4 *De obra subtil de poucos alcançada:*
6 *O pyropo na* adaga bem lavrada:
96 3 Um ministro *ao sol ardente* veda.
6 De aspero som, *e de outrem não sabido;*
8 *Co'a* pluma *a* gorra um pouco declinada.

101 1 Já no batel *entrava o* Capitão
Do Rei, que nos seus braços o levava;
104 6 Que o *sol* revolve, e rege a gente humana.
106 6 A Frota co'as *bandeiras* o festeja.
107 7 Por falar devagar co' *illustre* Gama.
111 3 Que quem *é o que ignora e* não conhece
As *famas* portuguezas, singulares?
112 6 Não menos é trabalho *estranho* e duro.

CANTO III

Est.	v.º	
1	6	De quem Orpheo pariste, oh *docta* dama.
3	2	O que o *Capitão claro* contaria.
10	2	*A fria Dania*, a inculta Noruega;
	3	*Os Hunnos*, *a grão Gothia*, que se arreia.
	6	*O desabrido* inverno, se navega
	7	*Grão parte* do sarmatico Oceano,
	8	*Pelo Baltico, Russio, e Lithiano.*
14	4	*Da agua*, que tão humilde começou.
	6	De esforço, o *mundo todo* sujeitou;
16	1	*França* ali se verá, que nomeada.
17	8	Dos *belligeros* peitos que em si cria.
18	3	Desde o *Estreito claro* se enobrece.
20	4	E onde o *sol* repousa no Oceano.
	6	Nas armas *com que ao proprio* Mauritano
	7	*Deitou dos proprios fins;* e lá na ardente.
21	1	Esta é *aquella* patria minha amada
	2	A qual se o céo me dá que *torne vivo,*
	3	*Com tamanha* empreza já acahada,
	4	*Ser-me-ha gosto entre os homens excessivo.*
	6	De Luso ou Lysa que *do antiguo divo*
	7	*Baccho Thebano foram* companheiros
	8	E n'ella, *parece,* os incolas primeiros.
22	1	*D'aqui* o Pastor nasceu, que no seu nome.
22	4	Pois a *eterna* de Roma não se atreve.
24	1	*Com este* amor intrinseco accendidos.
	7	Quiz o famoso *Rei* que obras taes.

24 8 Levassem *premios* dignos *e galardães.*
25 3 *Lhe deram Portugal, que então* no mundo
Não era conhecido, nem prezado.
27 4 Que viu de *Christo* a carne em si lavada;
31 6 E não vê a *inquieta* o muito que erra.
33 5 Porem, vencido da ira o *sentimento.*
34 2 *Convocado da* injuria de Thereza,
Contra o tão *fraco* em gente Lusitano,
35 4 *Torna o Castelhano* magoado.
36 8 Do *Lusitano* illustre a outrem ser sujeito.
37 2 Em que o Rei *de Castella* já aguardava.
38 6 Da minha temeraria *segurança.*
40 3 Põe no cêpo a garganta e *inclinado*
6 Egas estava a tudo *submettido.*
42 2 O luzitano exercito *orgulhoso.*
43 2 Senão *naquelle* Deos que o céo regia;
6 *Por muito mais doudice* que ousadia.
44 1 Cinco Reis *são os mouros* inimigos.
45 4 Amostrando-se *ao Principe*, o animava.
46 8 Por *Dom* Affonso Rei de Portugal.
49 4 Co'o vento, o *cego* mato vai queimando.
7 Ao *estrondo* do fogo que se atea.
8 Recolhe o *gado* e foge para a aldeia: 2.ª Ms.
51 2 *Que podiam mover* uma alta serra.
55 5 Com esta a *secca* Arronches sobjugada.
56 1 A estas *fortes* villas submettidas
2 Ajunta a *forte* Mafra em pouco espaço.
50 4 *Povos* com tenção santa eram partidos.
8 Foi posto cerco aos *Mouros* Ulysseos.
59 2 E outras tantas mostrara *claro* o rosto.
60 6 *Que o Rheno, Albis e Ibero* amedrontados.
62 3 Obedeceis ás forças *sobrehumanas,*
65 4 *Vence um grande* exercito potente.
66 3 *Sessenta mil peões de seda* e de ouro
Guarnecidos, *valentes* e lustrosos.

67 1 D'est'arte *dava o Principe indignado*
Na gente *que passava* bem segura;
Uns cativa outros mata denodado
Já fuge o Rei que só da vida cura.
68 5 Vae cercar *Paz Augusta*, e logo alcança.
71 4 *Que* teu sogro victoria *alcance* dina. 2.º Ms.
77 7 Ao som da mauritana e *dura* tuba.
79 5 Nada *da força* e accordo generoso.
83 2 O velho Affonso *prospero,* subido,
84 3 Os *saudosos* campos alagaram. 2.º Ms.
88 1 Mas a *famosa* Armada *que trouxera*
O contraste de vento áquella parte.
89 6 Da *gallega* Tui, que a mesma sorte
90 7 *Que de antes os perros o deixaram.*
93 5 Mas o Reino de altivo *e sublimado*
E de Senhores em tudo soberanos.
8 Que não *é* mais que todos excellente.
96 8 *No Reino* já tranquillo claros lumes.
97 2 O *supremo exercicio* de Minerva. 2.º Ms.
5 Tudo o *Delphico* Apollo aqui reserva.
98 3 *Que nunca foi* das forças lusitanas.
100 6 Do sarraceno *exercito* estupendo.
101 2 A força inexpugnavel *muita* e forte,
102 2 Pelos *paternos* passos sublimados.
105 (A segunda parelha da outava está alternada com a terceira.)
106 2 Falando está que a *bella* Venus, quando
107 2 Os eborenses campos vão *trilhados*.
111 3 Vendo o *fraco e gentil Pastor* diante.
6 Despreza o *santo* moço mal vestido.
112 8 Se faz temer a *gente* de Granada.
113 3 Chamam, segundo as leis *a que* seguiam.
114 1 Com *tamanha presteza* estrue e mata.
4 *Não lhe val elmo, malha* ou peito de aço.
115 6 Foi pelos *altos* Reis desbaratado.

116 1 Não matou *a terça* parte o forte Mario.
8 Que *tres moios* de aneis dos mortos toma.
117 (Omittida no 1.º Ms.)
120 2 De teus annos colhendo o *ledo* fruito
3 N'aquelle engano da alma *doce* e cego.
5 *Só o soidoso campo* do Mondego.
123 2 Por tirar *a o* filho que tem preso;
6 Do *poder* Mauro *seja* alevantada.
124 4 Rasões á morte *baixa* o persuade,
Ella com tristes e *saudosas* vozes.
125 3 Os olhos, *que já* as mãos lhe estava atando
126 4 *Em cruentas* rapinas tem o intento. 2.º Ms.
130 6 Os que por *bons taes feitos* apregoam.
132 2 Taes contra Inez os *duros* matadores
Na *marmorea columna* que sostinha.
133 3 Como da *crua* meza de Thyestes.
134 6 *Assi* está morta *a misera* donzella.
8 A branca e *linda* côr co'a doce vida.
135 2 *Longamente* chorando memoraram.
7 Vêde que *gentil* fonte rega as flores.
136 2 *Pedro não visse* das mortaes feridas.
138 3 Remisso e *viciosissimo* Fernando.
139 8 Que um *fraco* amor os fortes enfraquece.
140 1 *D'este vicio* tiveram sempre a pena. 2.º Ms.
140 }
141 } (Omittidas no 1.º Ms.)
142 6 De um vulto *Meduseo sereno, ardente.*
143 1 Quem viu um olhar seguro, um *riso* brando.

CANTO IV

Est.	v.º	
1	3	*Traz ás vezes o sol* a claridade. 2.ª Ms.
1	8	Despois que o Rei *perdido* falleceu.
2	4	*Da fraqueza ou descuido* de Fernando.
	5	Despois de *poucos dias* o alcançaram.
	7	*Que este só era então do Reino* herdeiro.
4	1	Alteradas *tambem* do Reino as gentes.
7	4	*Se o morto Conde Andeiro* lho concede.
8	1	Vem de toda a provincia, que *do antigo* *Brigo o nome tomou despois mudado;* *Das cidades e villas,* que Rodrigo *Com tanta honra ganhou* do mauro estado.
9	7	Trazendo por *divisas* verdadeiras.
10	2	*Obra antigua de Bruto,* a quem cercando,
11	1	Tambem *guerra movem as trez* furias.
	7	Armou d'ella os soberbos *moradores.* (Em todas as edições vem *matadores,* mas deve emendar-se o texto pela variante.)
15	2	Hade haver quem refuse o *bravo* Marte?
16	3	Do grande Henriques, *claros* e valentes
	4	*Venceram* esta gente tão guerreira.
17	3	Por Diniz e seu filho *celebrados.*
19	7	Vencerei *no* só *os Brigios* adversarios.
21	1	D'esta arte *aquella* gente esforça Nuno.
22	6	*Cada um se armava como lhe* convinha.
24	4	Para *Gallos,* para Italianos.

25 2 Antão *Vaz* he de Almada *o* capitão
3 Que despois foi de *Abrantes* nobre conde.
7 Com Joanne, rei *claro* em toda a parte.
26 5 Já chegam as esquadras *gloriosas*
6 *A vista* das imigas companhias.
8 *Mas maior é o medo que* concebem.
28 1 Deu signal a trombeta *luzitana.*
7 E as mães que o som *terrifico* escuitaram.
29 8 Dos membros corporaes *a* vida cara.
32 7 Contra irmãos e parentes *(caso feo!)*
8 *Qual* nas guerras *de Cesar e Pompeo.* 2.º Ms.
8 Quaes nas guerras civis de *Julio Magno.*
33 1 Oh tu Sertorio, oh *forte* Coriolano.
36 5 Qual *ferida* leôa fera e brava.
37 2 *O Monte-Bello e os Sete-Irmãos* abala.
38 7 Com força atira, e pega o escudo e lado
8 Co'o cavallo na terra a Maldonado.
39 5 Porfiam: tinge o ferro *o sangue* ardente; 2.º Ms.
(Variante admittida no texto por Barreto Feio.)
41 1 Muitos do vulgo *emfim que não tem* nome.
4 A soberba do *Brigo* furibundo.
44 3 Outros *a infausta* sêde vão culpando.
48 8 *A Fé* de Christo, *a Fé* de Mafamede.
51 6 ....
53 5 Este, porque Hespanha não *perecesse.*
54 8 *Vencer-se de ninguem* o Rei terribil.
58 1 Não quiz ficar no *Reino* ocioso
61 2 Hespanha, França, Italia com *presteza.*
62 1 *As ondas adriaticas* navegam;
3 *Pelo mar de Cannopo ás costas* chegam.
7 Sobem-*se* a Ethyopia, sobre Egypto.
63 3 *E vendo as altas* serras Nabathêas.
4 *Detraz o Monte Caspio lhe ficou.*
8 *Vendo a Felice,* a Pétrea e a Deserta.
67 1 *E como nunca já* do pensamento.

67 5 *Deixasse de ser hora, nem* momento.
69 3 D'onde *debaixo* varios mundo via.
8 Nasceram duas *largas* e altas fontes.
74 5 Custar-te-hemos *primeiro* dura guerra.
75 6 Pelo *caro* Hemispherio somnolento;
8 De *rubicunda* rosa e roxas flores.
82 3 *Entreambos de ousadia* e de conselho,
4 De experiencia em armas, e *primor.*
84 3 (Onde o licor mistura a *rica* areia).
85 8 De ser *nos céos* estrellas, como a de Argos.
86 3 Aparelhámos a alma *ante* a morte.
5 *Ante* o summo poder que a etherea côrte.
87 7 *Que refrear não posso os olhos d'agua*
8 *Que a mais obrigarão lembranca e magoa.*
88 6 *Dos frades n'este officio* diligentes.
95 4 *C'um vento popular* que honra se chama
96 5 *Chamas-te* illustre, *chamar-te* subida.
98 8 Que na de ferro e de armas te *deixou;*
100 1 Não tens junto *comnosco* o Ismaelita.
7 Não é elle *nas* armas esforçado.
102 5 Nunca juizo algum alto e *facundo.*
103 5 Emquanto *a todo* o mundo menos dano.
8 Fogo de *entendimento,* que a movera.

CANTO V

Est.	v.°	
13		(Omittida no 1.º Ms.)
18	8	Sorver as *falsas* aguas do Oceano.
19	3	No *mar* um vaporsinho e subtil fumo.
22	6	Mas o sabor do sal lhe *toma* e tolhe.
27	7	Que tomaram *depressa* em quanto apanha.
28	4	Mais selvagem que o *rudo* Polyphemo.
31	2	E de arrogante *diz* que vae seguro;
33	6	A resposta lhe demos tão *crescida.*
39	2	Se nos mostra no *mar* robusta e válida.
43	1	*Sabei* que quantas Náos esta viagem
		Que *vos fazeis,* fizerem atrevidas.
45	8	A *dura* Quiloa, *asperrima* Mombaça.
49	6	E dando um *temeroso* e *rouco* brado,
51	5	Mas conquistando as *costas* do Oceano.
53	3	Determinei por *guerra* de tomal-a;
54	5	Eu que cahir não *sube* n'este engano.
55	4	Da *linda* Thetis *inclyta* despida.
57	6	Da magoa, da *vergonha* ali passada,
60	4	Bramindo muito longe o mar *toou.*
	6	Dos Anjos, que tão longe *me* guiou.
61	2	Co'os outros dois o carro *rutilante,*
67	6	Em que co'o mar *tamanho espaço* estava.
	8	Com que nos fez *romper* a gram corrente.
74	2	*Invenção do sagrado* Nicolau.
76	3	*Alguns nomes arabios* se conhece.
88	4	Sirenas que *cantando* as adormecem.
91	8	E el-rei se vae da *Náo* aos nobres paços.
93	8	Como a *vez* que seus feitos celebrava.
		(Lapso de penna, segundo Faria e Sousa.)

CANTO VI

Est.	v.º	
1	2	O Rei *mouro* os *famosos* navegantes.
2	5	Este *sereno* rei todos os dias.
3	7	Já do *Mouro* benigno se despede,
6	7	A *forte Lusitania* d'ellas digna.
8	6	Nereides e outras deosas *muitas,* onde.
9	8	Que assi se mostra claro e *rutilante,*
10	4	*Da* qual do irado Baccho a vista pace;
	6	Do velho cahos a *mui* confusa face:
14	4	Da vinda sua o estava já *esperando*
21	7	Que o corpo *alabastrino* deixa ver-se. 2.º Ms.
25	3	As deoses *enriquecem* os estrados.
26		(Faltavam os versos 5 e 6 acrescentados depois.)
28	7	Os peitos *n'outro tempo* endurecidos.
29	6	Soberbas *tão grandissimas,* que temo.
30	2	Que de um *Capitão* meu o nome toma.
31	1	Eu vi que contra *aquelles,* que primeiro
33	1	Que *Jupiter* e Fados que destinam,
	2	*Não por rasão senão por caso o* mundo
38	2	No fundo *ponto,* a leda *rica* frota.
39	1	Vencidos vem somno e *bem* despertos.
	3	Pelas antenas, todos *bem* cobertos.
	8	Historias contam, casos *seus* referem,
40	2	Este tempo *enganar,* que é tão pesado
	8	Para *enganar* o tempo que de amores?
70	1	*D'esta arte arrasoavam, vigiando*
	2	*Quando* o mestre, que olhando os ares anda

71 7 Em pedaços a *rasgam* c'um ruido.
72 7 Vão outros dar á bomba, não *tardando;*
73 5 Trez marinheiros *rijos* e forçosos.
75 5 Não menos *brados* vãos ao ar derramam.
79 3 Quantas arvores *firmes* arrancavam. 2.º Ms.
81 2 Que o *Astrifero* polo senhoreas.
92 4 Enxergam terra *baixa* pela prôa.
(Acabam as variantes do primeiro manuscripto.)

CANTO VII

Est. v.º

74 2 Do rico fio são que o *verme* gera. 2.º Ms.
77 4 De um velho *de semblante* soberano. Ib.

CANTO VIII

Est.	v.º	
5	7	Grandes *esquadras* tem desbaratadas. 2.º Ms.
62	3	Que presentes me trazes *preciosos.* Ib
	6	Se *liga* dos reis altos a amizade. Ib.
64	7	Que o *espirito divino* lhe *infundia.* Ib.

CANTO IX

Est.	v.º	
7	6	E dos *sulphureos tiros* de Vulcano. 2.º Ms.
10	8	Outros *volvem* co'o peito *a dura* barra. Ib.
17	8	*Que não lhe cabe o coração no peito.* Ib.
21	6	*Co'o terreno que cerca o grão Proteio.* Ib.
43	5	Com gesto ledo a Cypria, *então pudico.* Ib.
49	8	Faça quanto *a virtude* lhe amoesta. Ib.
59	7	*Escondei-vos do damno,* que co'os bicos Ib.
		Fazem na fructa os passaros inicos. Ib.
76	4	O que deu para dar-se a *fortaleza.* Ib.
91	5	Que *Neptuno,* Mercurio, Phebo e Marte. Ib.
95	8	E n'esta ilha da *Fama* recebidos. Ib.

CANTO X

Est.	v.º	
4	3	Mas *do Nectar* que Jove tanto estima. 2.º Ms.
88	6	E do Oriente o gesto vê *tremendo*. Ib.
104	7	Já seu braço em Ampaza, que *deitada*. Ib.

OS ARGUMENTOS APOCRYPHOS

CANTO I

Fazem concilio os deoses na alta Côrte,
Oppõe-se Baccho á Lusitana gente;
Favorece-a Venus e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.

CANTO II

Dar El-Rei de Mombaça o fim prepará
Ao Gama illustre, com mortal engano;
Desce Venus ao mar, a Frota ampara,
E a falar sóbe ao Padre soberano;
Jove os casos futuros lhe declàra,
Apparece Mercurio ao Lusitano;
Chega a Frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

CANTO III

A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que Reis, que guerras teve;
Christo a Affonso se expõe crucificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de um gesto suave e brando.

CANTO IV

Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhano;
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro;
Dá-se batalha; vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por affinar a gloria portugueza.

CANTO V

Relata o Gama illustre ao rei potente
Sua viagem longa, e incerta via;
As extranhas nações da Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia.
Como a Adamastor viu, Gigante ingente,
Que um dos filhos da Terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou e são conforto.

CANTO VI

Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento:
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra e fama,
Dos Doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida Armada,
E á India chega tanto desejada.

CANTO VII

Dá fundo a Frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao Rei potente,
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente.
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
É recebido bem da Indica gente:
Co'o Regedor o Mouro ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

CANTO VIII

Vêm-se de Lusitania os fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores,
De hymnos e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores
Consultam os Haruspices famosos.
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os Navegantes.

CANTO IX

Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra uma Insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido dano
Achar repouso assaz conveniente:
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa e jogos de alegria.

CANTO X

Ás mesas de vivificos manjares,
Com as Nymphas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accentos numerosos:
Mostra-lhes Thethys tudo quanto os mares,
E quanto os céos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a Frota ao Tejo tão querido.

INDICE